

2017 número 1



Pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

O Caminho das estrelas



pentagrama



an
an

O verdadeiro rosa-cruz

Ele venceu três animais:

O leão, daí vem sua paciência;

O urso, daí vem sua amizade;

A serpente da natureza inferior, por isso ele é livre de inveja e ciúme.

Ele se tornou mestre das três virtudes essenciais:

A fé em seu próprio saber, confiando que faz parte da promessa do rei;

A esperança verdadeira, a partir de seu conhecimento da lei e de seu reconhecimento do bem em todas as coisas;

O amor, especialmente no que diz respeito à justiça. Consequentemente, ele jamais julga os erros dos outros nem perde seu tempo com fofocas.

Como sabe que ele próprio é um instrumento de Deus, jamais se vangloria disso.

Como jurou obediência ao rei interior, sabe quando deve se calar.

Como se esforça para cumprir suas obrigações e sabe que o voo de sua alma se reflete no exterior, ninguém encontrará nele qualquer desarmonia.

Como está mais inclinado a ter uma opinião favorável do que desfavorável sobre as pessoas, sempre buscará em todas as coisas o que é bom.

Sabendo que cada circunstância pode lhe dar a chance de crescimento interior, jamais pensará mal dos outros.

Como ele mesmo sempre está impassível, tenta não influenciar os outros e não é arrogante.

Como oferece mais para o bem-estar dos outros do que para sua própria felicidade, ele se opõe a todo e qualquer interesse pessoal e é livre de egoísmo.

Sua fé, fundamentada no reconhecimento da verdade interior, não pode ser enganada pelas ilusões materiais. Assim, ele é livre de qualquer irritação.

O sofrimento não consegue vencê-lo, pois a força cresce por oposição.

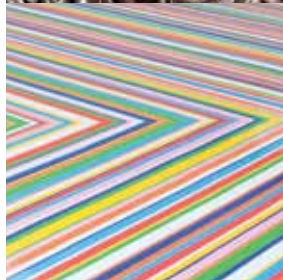
Ele está ligado para sempre ao grupo dos que colocam em prática a verdade.



Capa

Céu noturno na Califórnia (anônimo)

Conteúdo



4 **As Visões dos Grandes**
A. Gadal

8 **No caminho de Paulo**

14 **O campo de respiração**

18 **O caminho... para onde?**

23 **O belo e o sublime**
Ensaio

36 **O olho e a testemunha**

43 **A Pedra Filosofal**
Tratado do nobre filósofo alemão Abraham Lambsprinck
Uma obra do século 17 sobre a alquimia interior

66 **A Cruz do Tau**
Símbolo

68 **Ser um peregrino**
Coluna

3 **Imagens do mundo [13, 21, 41]**
Texto de Nicolau de Cusa



O Universo não tem circunferência nem centro, porque, se ele tivesse um centro e uma periferia deveria existir algo fora dele – pressuposto que se encontra completamente fora da verdade. Assim, uma vez que é impossível que o Universo tenha um centro físico e esteja incluído em

um limite físico, não está em nosso poder entender o Universo, cujo centro e circunferência são Deus. E, embora o Universo não possa ser infinito, também não pode ser entendido como finito, uma vez que não há limites dentro dos quais possa ser delimitado.

Nicolau de Cusa (1401-1464)



A. GADAL

Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem." João 4:23

As Visões dos Grandes

De tempos em tempos, em dias ensolarados, o Ancião vinha à gruta do Eremita. Chamava Matheus, Guilhem e alguns de seus companheiros e conduzia-os ao *Avô*, contornando simplesmente uma ponta rochosa situada logo depois do Eremita. O *Avô* era uma jóia de gruta, pequena, de forma redonda, cujas paredes estavam cobertas de desenhos e sinais, uns mais misteriosos do que os outros. Ela se encontrava no ponto final de um grande círculo druídico com uma alameda coberta; numerosas moradas separadas umas das outras. A plataforma superior, em meia lua, ainda possuía a mesa, recoberta de sinais profundos, e os assentos em pedra dos ouvintes. O Ancião havia-lhes até mostrado um belo pentáculo gravado na própria rocha, o qual, entretanto, não parecia muito antigo. Mas, quem poderia saber? – Aqui meu Ancião começou sua missão, disse ele, ajoelhando-se diante da mesa, estendendo suas mãos espalmadas sobre a pedra sagrada e orando em demorado reconhecimento. – Jamais vos esqueçais, acrescentou ele, de vir aqui por alguns momentos haurir um complemento para as vossas virtudes. Parecia difícil, à primeira vista, separar os sinais sobrepostos uns aos outros de cada lado do *Avô*; mas o Ancião era tão hábil, tão versado nesses estudos, tão seguro de si mesmo, que Matheus ficava maravilhado ao vê-lo

manusear a varinha de demonstração e entusiasmado ao ouvi-lo. Familiarizou-se rapidamente com o *resch*, o *iesmon*, o *chrismon*, o *iesmon-rech*, o *ieschrismon-resch*, o círculo eterno, o Alfa e o Ômega, o pentalfa luminoso ou estrela dos magos, o microcosmo, o macrocosmo; com os primeiros sinais de assembleia dos cristãos primitivos, dos cristãos das sete igrejas da Ásia, dos cristãos gregos, africanos e romanos, a criptografia apostólica, os monogramas, os diagramas, os trigramas, as siglas criptográficas; com os símbolos diversos e numerosos dos primeiros séculos da era cristã; com as siglas anteriores à era cristã. Ele seguiu avidamente seu Mestre que, destacando-se numa parte plana da rocha, subia até o *Avô*, proclamando a imortalidade da alma, o eterno masculino, o eterno feminino, a árvore da vida com sete ramos, cuja união perfeita constitui o Ser supremo; o perpétuo sacrifício desse ato cosmogônico, o Ser supremo imolando-se, o Pai (eterno masculino), a Mãe (eterno feminino), o Filho (árvore da vida), o Verbo Criador, a Trindade: AUM. Após essas belas lições, seu espírito corria ligeiro; ele vivia longas horas, com Rama, sobre o Monte Albori; com Krishna, sobre o Monte Meru; com Hermes, nas grutas profundas de Mênfis ou de Tebas.; com Moisés, sobre os rochedos de Serbal; com Orfeu, sobre o Monte Kaoukaion; com

EXTRAÍDO DO LIVRO
*O CAMINHO DO
SANTO GRAAL*, DE
ANTONIN GADAL

Pitágoras, em Delfos; com Platão, em sua academia; para reencontrar Jesus, o divino Mestre, sobre a montanha.

Matheus ia até mais longe ainda, pois comprazia-se, através de meditações cada vez mais profundas, em penetrar nas célebres visões:

Visão de Rama, sob o carvalho da clareira.

Rama dorme. Ele ouve uma voz poderosa chamá-lo pelo nome. Diante dele, a figura majestosa de um gênio, vestido de branco, trazendo na mão uma vara com uma serpente enrolada e uma foice de ouro, estendendo a Rama um ramo de visco, depois a tocha e a taça.

Mateus ouvia as palavras do gênio:

– Rama, vês esta tocha? É o fogo sagrado do Espírito divino. Dá a tocha ao homem e a taça à mulher, pois é a taça da vida e do amor.

Visão de Krishna, na cabana do centenário

Vasichta, em plena floresta santa.

Matheus sentia-se também transportado ao sétimo-céu dos devas. Junto ao Pai das Criaturas, viu Devaki, a Virgem-Mãe, fundindo num olhar de amor o Filho, a Palavra, o Verbo Criador.

Visão de Hermes, na cripta secreta,

rodeado de hierofantes e de magos.

Matheus via Osíris, a Inteligência Soberana; os sete raios do Verbo-Luz relativos a uma fase da vida das almas; os sete gênios da Lua, de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter e de Saturno. Ele ouvia e reconhecia a voz da Luz e lia no Livro dos Mortos dos Egípcios, onde as almas vagueiam, durante tempo mais ou menos longo, segundo seu estado de pureza (erros do homem-matéria, da lagarta), em direção à Luz no barco de Ísis.



Vista do Vale do Ariège a partir das grutas chamadas *Églises*, em Ussat-Ornolac

Visão de Moisés, sobre o cume do Sinai, na entrada da caverna protegida pelos terebintos. Ele via o anjo solar, raio de Elohim, e ouvia a voz se perder no espaço infinito: – Eu sou aquele que é!

Visão de Orfeu, pontífice do Templo do monte Kaoukaion. Ele bebia suas palavras proclamando

um só Ser, esposo e esposa divinos, Pai e Mãe, Demiurgo do qual Dionísio é o Filho. Ele seguia o Verbo, na gruta de Perséfone, a bela tecelã Maia, Virgem divina, e retinha essa reflexão de Orfeu: É áspero o caminho que conduz aos céus. Reflexão que

ele traduzia: É duro o caminho do Santo Graal.

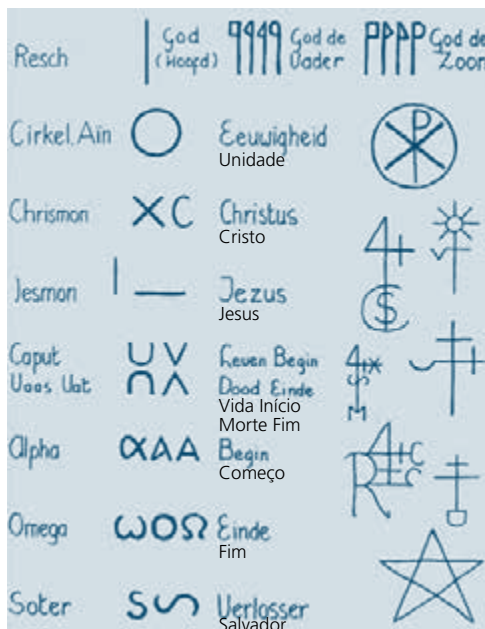
Visão de Pitágoras, em Crotona, sobre a colina dos terebintos e das oliveiras. Ele seguia as provas da iniciação, copiadas da iniciação egípcia, chave do cosmo; entrava nos quatro elementos: terra, ar, água, fogo, e apanhava o quinto elemento etérico, fluido cósmico, luz astral, Alma do Mundo.

Visão de Platão, em sua Academia de Atenas. Após haver compreendido os filósofos da Ásia Menor, do Egito, da Itália meridional, onde Pitágoras já havia servido de modelo para muitos seguidores, Matheus estudava com ele os números sagrados, a cosmogonia esotérica, a doutrina da alma, o microcosmo e o macrocosmo, a jornada humana e divina da alma, o verdadeiro, o belo, o bem; por fim, seguia esse mestre nos Mistérios de Eleusis.

Visão de Jesus.

Matheus, a essa altura, já se mostrava espírito superior; necessitava somente reunir suas recordações. Os sacerdotes do Egito, encabeçados por Ahmosi, o sumo-sacerdote, haviam anunciado que a fênix iria renascer de suas cinzas.

O Batista, pressentindo o fim de sua missão, anunciava, referindo-se a Jesus: É preciso que Ele cresça e que eu diminua. Jesus nada podia a não ser recolher-se, entregar-se ao retiro, a um jejum de quarenta dias, procurar um ninho de águia na gruta de Engaddi, onde encontrava as meditações dos Profetas, um pouco de água fresca, nozes e figos. E, como o divino Mestre, Matheus exclamava arrebatado: Para mim, a cruz! Que o mundo seja salvo!



Unidade
Cristo
Jesus
Vida Início
Vida Fim
Começo
Fim
Salvador

O homem medieval dispunha de grande receptividade de coração em ligação com o pensamento imagético intuitivo.

Para abordar dados abstratos com mais familiaridade, os *bonhommes* cáticos utilizavam a linguagem simbólica arcaica, transmitida no início do cristianismo e até mesmo linguagem de épocas anteriores. Esses símbolos seriam mais propriamente designados pelo termo "caracteres", como na escrita chinesa.

Por exemplo: a linha vertical, o *Resch*, refere-se ao impulso divino descendente. *Resch* significa "Deus" ou "cabeça", no sentido de "consciência divina". Quando o *Resch* era representado pela letra maiúscula "P", significava "Deus-Filho". Mas, se ele vinha desenhado ao contrário, significava "Deus-Pai". Vemos o signo hebraico *Ain*, que também quer dizer *Ain Soph*, o "Círculo da Eternidade". Além disso, observamos os signos X e C, que se referem a Cristo. E o M indica *Mater*, a matéria, a Mãe. O S, ou *Soter*, significa "o Salvador" ou "o Libertador". O A ou Alfa e o Ω ou Ômega e, claro, o Pentagrama, a estrela de cinco braços, indicam o renascimento da estatura da alma. Várias combinações poderiam ser feitas, incessantemente. Assim, todas as vezes uma nova faceta poderia ser explicada.

É necessário acrescentar que Matheus estava completamente transformado? O ancião o havia percebido. Anunciou-lhe para breve o conhecimento da lei que governa a água simbólica para possuir o dom da adivinhação e da profecia. A alegria de Matheus chegou ao auge; compreendeu sua chegada à ordenação, à perfeição. A purificação pela água, a *Fount Santa*, a fonte sagrada, um retiro de quarenta dias, terminando com a morte da matéria na tumba. Belém, a porta mística... e ele seria iniciado, Puro, Perfeito...
Que belo sonho! ☼

Estar de férias significa, literalmente, manter distância da vida cotidiana, observar tudo a partir de um novo ponto, viver a partir de uma perspectiva diferente. Com frequência um olhar mais amplo se apresenta porque, de repente, em um país distante e estranho, você faz parte de um todo maior e de uma história mais significativa.

Se você é europeu, na África do Sul você é o branco. Em Bali, o colonialista. Nos Estados Unidos, o cúmplice. Na Índia, o eterno buscador da eterna sabedoria universal como os outros. E na França ou na Itália você é a parte lúcida de um continente que está em busca de sua própria identidade. No caminho você pode sentir, de maneira imprevista e evidente, que as pessoas estão todas interligadas, seja como indivíduos ou em grupos. Ao mesmo tempo estão juntas, aprisionadas em um emaranhado bastante confuso. Raças, grupos e países determinam a história e o destino de cada pessoa: às vezes em sentido positivo, mas também em sentido desastroso. Quando viajamos, vemos e ouvimos o quanto homens e mulheres se desgastam por um pouco de felicidade, por um futuro melhor para seus filhos, pelo tipo de vida que faz algum sentido para eles. É assim que, observando e escutando aqui e ali, nos damos conta de que, se existe diferença entre nós, é apenas



Caminhando com Paulo



Brahma Vihara é o único templo budista na Ilha de Bali. Às vezes também é chamado o “Pequeno Borobudur”

em relação a condições externas e temporais. Viajando, de repente nos percebemos como pessoas cosmopolitas, cidadãos do Universo. Fica muito claro que estamos todos no mesmo barco! E, com nossos olhos espirituais, também vemos que, atrás de nós, já temos um caminho extremamente longo de uma história comum.

Demorou milhões de anos até que a humanidade como um todo evoluísse para o homem racional – o homo sapiens. Compartilhamos uma vida em comunidade há apenas algumas dezenas de milhares de anos. Nesta incrivelmente longa história da humanidade jamais fomos abandonados, mesmo que muitas vezes não conseguíssemos perceber isso. Em todas as épocas difíceis sempre fomos acompanhados por hierarquias superiores veneráveis, que dirigem os processos cósmicos e as fases de desenvolvimento da consciência. De tempos em tempos, mensageiros da Luz sempre vieram até nós trazendo esperança e apresentando perspectivas ilimitadas de campos de vida que estão nos aguardando. Vários grandes homens do espírito iluminaram nossos caminhos. E nas épocas históricas chegaram até nosso campo de visão impressões da beleza, bondade e verdade divina, que ficaram gravadas em nosso ser através de narrativas, imagens e música. Em todos os tempos também existiram pessoas preparadas para sacrificar-se pelos outros. Mas agora parece que nesta época moderna, que também já conta centenas de anos, estamos entrando em um período de aceleração e, do ponto de vista temporal, nossa posição está sendo levada ao ponto máximo. Nossa civilização começou há mais de 10.000 anos: é um longo período de evolução, um autodesenvolvimento vagaroso. Mas desde os antigos gregos fomos levados a refletir sobre nós mesmos. Cada vez mais estamos tomando as rédeas de nosso destino. Agora que os líderes desaparece-

Em nossa plena autorresponsabilidade, iremos ao encontro de nosso próprio ser inalienável

ram de nosso campo de visão e os sábios, os grandes, foram para os bastidores, já não podemos continuar empurrando a responsabilidade para nossos pais, nem para nossos dirigentes, nem para as condições de vida e menos ainda para Deus. Nós é que temos de nos tornar adultos! Assim, em nossa plena autorresponsabilidade, iremos ao encontro de nosso próprio ser inalienável e eterno em algum lugar e em algum momento.

O que Bali ensina

Estando de férias em Bali você pode sentir muito bem as diferenças na evolução da consciência. Os balineses são orgulhosos de sua mescla de veneração de antepassados com o hinduísmo tradicional. A religião domina totalmente a vida deles. Todo dia as mulheres ocupam-se horas a fio com o arranjo de oferendas multicoloridas e trançadas com elegância. Mulheres e homens muitas vezes fazem cerimônias diárias em seus próprios templos domésticos ou nos templos da comunidade para venerar seus antepassados, para orar para seus muitos deuses ou para Brahma. Todos os dias livres são dedicados a cerimônias. Famílias, comunidades e tradições centenárias determinam como a comunidade pensa e vive. Individualidade e independência parecem ter pouca importância. Não é improvável que isso venha a mudar dentro de algum tempo previsível. O número de muçulmanos

Escultura no parque do Templo *Brahma Vihara*. *Brahma Vihara* refere-se às quatro condições de um espírito que encontrou a paz do universo: amor, compaixão, impassibilidade e alegria pela felicidade dos outros

está crescendo. É quase inevitável que os muçulmanos praticantes, que se dedicam social ou politicamente à sua crença, venham a sobrepujar as tradições balinesas. Os habitantes de Bali precisam fazer uma escolha entre a adaptação e o desaparecimento. Isso é trágico e, caso aconteça, sem dúvida provocará muita perturbação e desgosto, mas, ao mesmo tempo, uma inevitável fase de evolução para o estado adulto – ponto no qual estamos como humanidade. Por um lado, o que se vê em Bali pode nos parecer algo muito distante. Por outro, quando considerado em nível mais profundo, também é válido para nós: trata-se de uma diferença de espirais, pois um intervalo de cem anos não tem a menor importância. Neste exato momento, todos nós estamos sendo conduzidos através do tempo até o fundamento de nossa existência. As tendências visíveis e perceptíveis da polarização separam as pessoas e grupos para que, mais cedo ou mais tarde, nos reencontremos em um plano espiritual. Podemos observar processos como esse em nossa própria vida. Como seres humanos ocidentais, individualizados, estamos lutando contra nossas tendências pueris, a angústia, o fato de sermos completamente influenciados pelo mundo e suas potências. Também nós nos defrontamos com temas e questões antiquíssimos que nos põem em contato com sentimentos primais. Estes, muitas vezes, surgem de vivências de insegurança, exclusão, perda e solidão. São sombras e, em grau extremo, repetições de uma vivência maior: a expulsão do paraíso. Carregamos conosco essa vivência fundamental como uma ferida que não cicatriza e como uma grande privação da qual ninguém escapa. Para suportar essa dor deixamos-nos enganar pelas três tentações clássicas: posse, prestígio, poder. “Clássicas” porque, já no notável livro de sabedoria, que é a Bíblia, elas são apresentadas de



modo muito fácil de compreender. Quando optamos por esse caminho, só nos envolvemos cada vez mais, dependendo uns dos outros individual e coletivamente – e é assim que acabamos perdendo o rumo da trilha interior.

Não estamos sozinhos

Quem está vinculado à Rosacruz Áurea sabe, do mais recôndito de seu ser, que a desunião fundamental só é revogada na medida em que nos ligamos de novo e para sempre com o espírito de Amor e Liberdade que pertencem ao núcleo do microcosmo. Só assim podemos chegar ao amadurecimento sobre o qual fala Paulo em Coríntios I, 13: “No princípio, quando eu ainda era criança, falava como criança, sentia e pensava como criança, mas então me tornei um homem e desisti das ideias de criança. Agora vemos apenas uma imagem vaga como em um espelho turvo. Porém depois estamos diante de Deus. Agora o conhecemos apenas de modo imperfeito; porém depois o conheceremos perfeitamente assim como Ele agora já nos conhece.” Nesta época muita coisa está caminhando mal e muitas pessoas estão buscando, quase em desespero, um novo alicerce. E agora, tendo chegado à base de nossas vidas, descobrimos, como pessoas, que não estamos sozinhos, e podemos observar isso também à nossa volta. Aí está o fio que nos liga e nos conduz até a saída! Como um toque sutil, um sussurro meigo ou uma clara resposta ressoa o chamado: “Venha, siga-me”.

Como na citação acima, Paulo dirige-se enfaticamente à nossa fantasia até os dias de hoje, e isso também se justifica. Ele estava preenchido pelo espírito ardente da Verdade e do Amor. Ele vivia fundamentado na Gnosis. Exatamente como vivemos agora ou como, no mínimo, tentamos viver. Paulo tinha atingido essa condição rara e majestosa do verdadeiro amadurecimen-

to. Por isso, tinha autonomia no pensar e no agir e era incansável em seu anseio de afastar-se de tudo o que não pertence ao centro microcômico.

Paulo era um renovador corajoso. Mas não tinha orgulho e estava sempre bem consciente de seus próprios limites como ser nascido da natureza. São sinais de amadurecimento. Mas o que, na realidade, marcava a verdadeira majestade de seu estado de adulto não era apenas o fato de que vivia a partir do conhecimento interior de modo autônomo e consciente, mas o fato de que, ao mesmo tempo, estava profundamente ligado às pessoas a seu redor (sem dúvida porque não podia agir de outra maneira). Relacionava-se com todos os outros sem torná-los dependentes dele. Confiava em sua força anímica e focalizava o que era possível ou o que podia tornar-se possível. Assim também poderia ser nosso vínculo com o ambiente e com os outros! E muitas vezes isso já acontece agora, sem dúvida. Não apenas de modo abstrato e também não apenas com os que buscam conscientemente e encontram a Escola Espiritual, mas com cada pessoa que cruza nosso caminho na vida. Então seremos bons servidores, quando, como Paulo, estivermos vivificados pelo Espírito e independentes, por assim dizer, indivisos e íntegros como em uma fusão – portanto, quando soubermos isso fundamentados no coração, e o reconhecermos simultaneamente com a cabeça, conseguindo assim viver com base nesse entendimento clemente e salutar. Essa certeza interior nos basta e ainda tem muito a nos dizer. Seremos bons servidores quando, com base nesse estado de ânimo livre e inspirado, estivermos atentos ao nosso ambiente e a cada pessoa com que nos encontramos para, então, conviver realmente com elas – o que significa apoiá-las e ver o que é possível. Esse momento exige de nós a máxima presença para colocarmos os valores das outras pessoas acima de tudo. Isso é que é Amor. ☉



A Sabedoria não é encontrada na eloquência nem em livros volumosos, mas sim quando nos afastamos das coisas do intelecto e nos voltamos para as coisas mais simples e mais infinitas. Aprendam como recebê-las em um templo livre de todos os vícios, ligando-se a elas com fervoroso amor, até conseguirem saborear e ver como é doce “o que está acima de qualquer doçura”! Depois de as terem provado, acharão ridículo tudo o que até agora achavam importante, e haverão

de se tornar tão humildes que nem sequer um grama de arrogância ou de qualquer vício poderá permanecer. Uma vez que provarem dessa Sabedoria, estarão ligados a ela indissolavelmente, com um coração casto e puro. Com certeza, prefeririam abandonar este mundo e tudo o que não estivesse de acordo com essa Sabedoria, a fim de morrer com a felicidade indizível de estarem vivos.

Nicolau de Cusa

O campo de respiração





“Inspiração”: Toda vida humana começa com uma inspiração profunda, seguida normalmente de um grito forte. A vida de cada um de nós – assim dita autônoma – depende totalmente da respiração. Da mesma forma que a Terra é envolvida por uma camada de ar ou atmosfera, nós também vivemos em nossa pequena atmosfera ou campo de respiração. Esse campo de respiração microcômico é um campo de vida, uma atmosfera astral muito pessoal, cuja estrutura e função são exatamente as mesmas que as do grande campo de respiração cósmico.

O

O sopro, o alento, conduz tudo à vida, a uma transformação constante, a uma metamorfose contínua. Essa força de vida misteriosa é conhecida desde sempre e é chamada *prana* pelos hindus, *pneuma* pelos gregos; os chineses a denominam *chi* e os romanos, *spiritus vitalis*, para designar essa essência vital em todos os níveis de expressão da vida em si.

A respiração, o alento, regula a estrutura da matéria e também sua deterioração. Mas também a transição para um novo nível vida, mais elevado. Ou, como o descreveu poeticamente um botânico inspirado pelo taoísmo: “Toda a paisagem exterior simboliza a paisagem interior do homem. Tudo faz parte de um mesmo processo cósmico natural. É, ao mesmo tempo, um processo espiritual de cima para baixo inspirado pelo *chi*, do qual o cosmo inteiro participa e no qual o homem ocupa um lugar modesto, embora ele possa se integrar a esse processo com a alma e o coração, de maneira que toda a separação entre o grande e o pequeno desaparece”.

Esse botânico sustentava que: “Assim como as grutas profundamente escondidas na paisagem se abrem para o espaço imenso, a libertação e a imortalidade jazem no segredo do homem interior”. É sempre essa aparente con-

Instalação de Jim Lambie na The Fruitmarket Gallery, Edinburgo 2014
Foto: Ruth Clark. Cortesia: The Fruitmarket Gallery

tradição que carrega em si mesma o milagre do Um, o milagre da possibilidade perfeita da libertação, o milagre de um caminho que vai cada vez mais longe, o milagre de uma esfera de vida infinita. J. van Rijckenborgh, contudo, diz em sua análise do Nuctemeron, de Apolônio de Tiana: “Não existe ser humano dialético ou homem divino que possa subtrair-se ao domínio das forças magnéticas de seu campo de respiração”.

Aí está uma afirmação bastante categórica, que nos faz considerar a situação em que nos encontramos *a partir da perspectiva do campo respiratório*.

Cada ser humano que chega a esta Terra nasce em um campo de respiração – um campo, uma esfera que contém a herança de inúmeras vidas anteriores. Começamos nossa existência em uma magnífica câmara de tesouros, ou mesmo em uma terna prisão – ou dentro de tudo o que possa ser vislumbrado entre esses dois extremos.

Toda atmosfera é determinante. Quando ela é favorável, muito mal pode ser convertido em bem. A qualidade de uma esfera ou de um campo é determinada pelas forças que nela estão concentradas. Desse modo, os rosa-cruzes clássicos sabiam que eram protegidos por uma concentração de força ígnea em seu campo de respiração. Eles colocavam seu trabalho conscientemente sob a proteção dessa força, “à sombra de suas asas”. Todo ser humano tem a obrigação de respirar. Somente conseguimos prender ou acelerar nossa respiração durante um curto lapso de tempo. Quem tenta forçar uma ou outra situação perde a consciência – e os centros respiratórios assumem o controle. É assim que a respiração se mantém durante o sono ou o coma.

Da mesma maneira, é impossível influenciar a respiração *magnética* ou *astral* com nossa vontade. Em uma entrevista, há algum tempo, uma pessoa declarou ter tentado durante anos se desapegar de uma tendência profundamente arraigada, que lhe causava imenso sofrimento. Ela disse ter chegado finalmente à conclusão de que, nesse nível, não tinha conseguido atingir nada por meio de sua vontade. “A única coisa que podia fazer com minha vontade, disse ela, era tomar a decisão de observar essa tendência para percebê-la o mais objetivamente possível”.

Karl von Eckartshausen considerava isso a primeira etapa da “percepção interior”. E essa primeira etapa consiste em prestar extrema atenção e manter interiormente certo afastamento. O fato de tomarmos distância e consagrarmos toda a nossa atenção pode parecer contraditório. No entanto, essa é a atitude daquele que chegou a um limite, mas sabe que existe um caminho que leva ainda mais longe. Com essa atitude, certa calma se instala no campo de respiração, e assim podemos assimilar outras forças magnéticas. Quem, nessa calma e com esse comportamento, entra em um templo da Escola Espiritual, sabe que a ele é dada a oportunidade de assimilar por um momento, a partir do sopro de Deus, o alimento – os santos alimentos de luz que iluminam o espaço

criado em seu campo de respiração e rompem os fios do destino, criando a harmonia no caos e reforçando a paz em seu ser. O sopro de Deus não é apenas um brilho, uma irradiação. É também uma substância que tudo penetra e que, circulando pelo espaço, é capaz de modificá-lo inteiramente. A consequência inegável disso é que ela modifica igualmente a respiração magnética. Com isso, o campo de respiração se torna mais silencioso e a consciência ganha mais clareza. Todo o trabalho que é realizado nesse local permite que o homem se liberte progressivamente do peso astral. Há cada vez mais espaço para a alma, que aumenta em esplendor. Assim, lentamente, mas com vigor, a atmosfera do campo de respiração se modifica.

Karl von Eckartshausen chama isso de resultado da confluência entre a vida meditativa e a vida ativa. A Escola Espiritual nos ensina a “estar sobre o tapete” por intermédio de uma fé inabalável, um desejo intenso e um esforço contínuo. São essas as condições para enfim mudar a respiração magnética e abrir o campo de respiração às forças do campo astral puro. Em um primeiro momento, vivemos em uma atmosfera fechada na qual se produz uma série – aparentemente sem sentido – de construções e demolições, onde parece não haver lugar para onde escaparmos. Porém, quando apresentamos um comportamento de vida meditativo, uma abertura contínua favorável ao aprofundamento, à renovação e elevação, e, quando nossas ações são resultantes dessa atitude de vida que realiza aquilo que contribui para a plenitude e preservação do mundo e da humanidade... então vai descendo até nosso campo de respiração uma atmosfera sutil, cada vez mais etérica – que provém da atmosfera ilimitada do Grande Alento.

Então, acontece a situação descrita por J. van Rijckenborgh em sua análise do Nuctemeron: “O fogo mágico do Universo, de onde dimana a vida, já não precisa penetrar o campo de respiração através do emaranhado fio da teia do destino. Pelo contrário, o fogo, segundo seu objetivo original, entra diretamente no sistema microcósmico do candidato, concentrando-se, perfeitamente puro, no campo de respiração, onde o candidato – respirando com o coração sétuplo purificado – alimenta seu ser com esse fogo hermético”. Aqui é descrita uma situação extremamente misericordiosa, com a qual todos nós podemos nos alegrar e na qual cada um de nós pode se reconhecer. Então é dado ao homem um fragmento de uma realidade elevada, que o conduz no mais curto caminho possível: o caminho do serviço à humanidade. Essa visão o alimenta e protege por inteiro, pois já não é sua própria vontade que o anima, mas sim a alma que vive com o Espírito.

Quando assim acontece, não porque pensamos ou queremos, mas porque o tempo dos esforços ansiosos se cumpriu, então o campo de respiração se torna um campo santificado e, inevitavelmente, o conjunto de todos os nossos pensamentos, sentimentos e ações será consagrado à plenitude e à salvação do mundo e da humanidade. ✪

O caminho... para onde?

No pequeno estacionamento onde nosso grupo esperava pela partida, não era possível ver muita coisa dos arredores. Tínhamos sido informados sobre o que nos esperava, mas não sabíamos para onde estávamos indo. Eu olhava disfarçadamente à minha volta. Os outros pareciam tão seguros de si! Carregavam mochilas nas costas, sapatos para caminhada e garrafas de água superpráticas. Acredito que todos tenham feito algum curso de sobrevivência ou coisa parecida, pois conheciam todos os termos técnicos, conversavam com os responsáveis como se já tivessem feito muitas viagens desse tipo. Para mim, tudo era novidade. Outra coisa eu não fazia, senão escutar, *de queixo caído*, como se diz. Para mim, era como se tivesse esperado por esse momento durante toda a minha vida. Tinha um monte de perguntas, mas não fiz. De qualquer modo, essas perguntas receberiam respostas, mas sem indicações precisas. Quando me perguntaram se eu queria viajar, fiquei surpreso por ter sido aceito; ao mesmo tempo, já sabia que nada poderia me deter. Todos os inconvenientes – pois certamente eles existiam – tinham sido levados em conta. Para mim, foi simplesmente irresistível! Depois de um tempo, experimentei um intenso sentimento de esperança, mesmo ainda não sabendo o que podia esperar. Um senhor idoso simplesmente me deu um sorriso – e isso me passou a sensação de estar no caminho certo. Foi algo incompreensível, mas não havia nenhuma dúvida! Foi então que encontrei esse grupo de viajantes. Uma notável coleção de perso-

nalidades, todas tão diferentes! Eu era um candidato novo, apesar de ser de meia-idade. Curiosamente, os que eram mais auto-confiantes eram igualmente os mais desenvolvidos: passaram a noite toda fazendo os preparativos para um jogo do qual queriam participar. É claro, eles já sabiam tanto! Ei, o que estava acontecendo? Esses caras com suas mochilas já haviam partido, ou era uma ilusão? Sim: já tinham partido e voltado. Mas o retorno jamais poderia ser o caminho, pois esse caminho não tinha volta! Os responsáveis vieram desejar boa viagem para todos. Apertamos as mãos e, de repente, me vi sozinho! Você pode dizer que isso seria impossível no meio de um grupo pequeno; mas foi isso que aconteceu. Eu levava comigo apenas uma bússola, mas não sabia como ela funcionava. Como não sabia para onde ir, simplesmente comecei a caminhar. Isso me pareceu excelente! A paisagem da região era magnífica, e com certa regularidade eu encontrava um companheiro de viagem. Às vezes era alguém que eu já conhecia, às vezes alguém que já tinha começado a caminhar há mais tempo. Cada um seguia sua própria bússola, mas cada uma era provavelmente de marca diferente, porque ninguém caminhava ao meu lado ou atrás de mim. Eu me sentia tão feliz por estar no caminho que quase comecei a saltitar! Embora tivéssemos sido avisados sobre obstáculos nada agradáveis, ainda não havia nada para notar. Às vezes eu via alguém parar, com o rosto preocupado. Outras, cheguei a encontrar uma pessoa estendida no chão. Quis ajudá-la a levantar-se, mas

Reflexão sobre uma viagem, um grupo, a alegria
de estar a caminho, um rochedo no caminho,
a imagem de um pássaro e o trabalho



Visões de Luz

não pude. Então ela me disse que conseguira sobreviver.

Está certo que às vezes chovia e muitas outras fazia frio ou então muito calor.

Mas, no geral, minha caminhada foi agradável e rápida. Logo cheguei a um limite.

Não que eu o tivesse notado, pois só me dei conta dele depois que o atravessei.

Então, vi que tudo era novo e desconhecido! Agora eu procurava caminhar com mais cuidado – às vezes um tanto hesitante quanto a seguir pela esquerda ou pela direita.

Aqui e ali, havia rachaduras, fendas que eu precisava saltar – e isso era perigoso!

Tinha de escalar picos elevados e desgastantes, seguidos de caminhos sinuosos, terrivelmente abruptos e escorregadios por causa da chuva.

No entanto, em momento algum desejei ter ficado em minha casa, pois minha casa era aqui, agora!

No momento, estou há semanas ou meses, não sei ao certo, diante de um rochedo colossal.

Já tentei de tudo: empurrei, puxei, tentei arrastar, entalhei, subi e escorreguei novamente para baixo.

Não há ninguém por perto, e não posso ir mais além.

Juntei todas as minhas forças, mas o rochedo não quer ceder!

Não consigo nem ver o que existe por trás dele, nem ao lado.

Tentar voltar é impossível – e inútil. Mas também não posso permanecer aqui!

Estou com tanta fome e com tanta sede, que estou disposto a tentar qualquer coisa!

Se pelo menos eu pudesse remover esse bloco!

Mas quanto mais eu tento, mais cansado fico, e não quero dormir, de jeito nenhum!

É importante não cair no sono: já me alertaram que depertar seria muito difícil.

Sento em uma rocha e reflito mais uma vez sobre todos os métodos que já utilizei.

O caminho deve ser esse! De tempos em tempos é como se alguma coisa – fora do meu alcance – surgisse em

minha mente. Mas, quando tento vê-la, ela desaparece.

A única coisa que realmente chama a atenção neste lugar é uma espécie de pássaro grande,

já há algum tempo, sentado na rocha. Além dele não vejo nenhum outro animal.

Ele é um animal estranho, que olha de esguelha para mim.

Estou me sentindo tão sozinho agora que acho até que vou conversar com ele. Ah, mas isso é uma grande tolice!

Às vezes ele voa um pouco, mas logo volta para o mesmo lugar.

Fico aqui pensando que seria bom se eu também pudesse voar: então, eu voaria por cima do rochedo!

Será que o pássaro vivia atrás dele? Olhem agora! Ele está voando de novo, agora mais alto do que antes – e eu o sigo com o olhar.

Ele voa cada vez mais alto! Nossa! É maravilhoso ver como suas asas graciosas se destacam no céu azul!

Há um círculo de luz ao seu redor. E percebo que ele está voando exatamente entre mim e o sol, diretamente para a luz.

Então, já me esqueço do rochedo e deixo meu coração voar com ele, tão deliciosamente livre, leve e solto!

Nenhuma parte da viagem se iguala a este voo. Parece que o pássaro tem uma coroa de luz branca adornada com pedras preciosas de todas as cores.

É uma loucura! Mas vou me aproximando cada vez mais dele e logo chego às suas costas, onde acho um lugar confortável para me sentar.

Em um deslumbrante farfalhar de asas, movemo-nos juntos pelos céus. De repente, começo a pensar sobre a viagem.

Será que ele também está indo para o ponto mais alto do rochedo? O pássaro vira a cabeça para mim e seu olhar é o de um velho amigo.

Mas quem? Sua voz é ao mesmo tempo alta e baixa, suave, mas distinta: “Primeiro vamos lá para o alto. Depois, precisamos voltar para a Terra: ao trabalho!”.

E, cheios de coragem, descemos para onde eu estava antes.

Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? ★

Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? ★

Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? ★

Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? ★

Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? ★

Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? ★

Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? ★

Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? ★

Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? Onde está o rochedo? ★



Agora ainda vejo a vida eterna em espelho, em imagem esculpida, em enigma, porque ela não é senão o olhar benigno com o qual jamais deixas de me contemplar com o máximo amor. Sim, até os cantos mais secretos de minha alma! Por isso, contemplar a vida contigo é doar-se: outra coisa não fazes senão doar ininterruptamente Teu mais ter-no amor. Queres inflamar-me em amor ofertando-me amor,

e assim me alimentando, queres despertar meu desejo e fazer-me beber da felicidade; e, fazendo-me beber, queres mergulhar-me em uma fonte de vida, para que, assim, tudo isso se prolongue e cresça – para que eu compartilhe de tua imortalidade... pois esse é o máximo absoluto de todo desejo justo, e não há nada maior que isso.

Nicolau de Cusa



Albert Bierstadt, Looking down Yosemite Valley (Olhando lá embaixo o Vale Yosemite), Califórnia, 1865



O belo e o sublime

O sublime do latim *sublimis*, é uma qualidade grandiosa, seja corporal, moral, intelectual, metafísica, estética, espiritual ou artisticamente falando. O termo remete especialmente a uma amplitude situada além de qualquer cálculo, medida ou imitação possível. (Wikipedia)

A antiguidade atribuía à força do belo um valor espiritual capaz de elevar a alma. Essa consideração foi variando no decorrer dos séculos, principalmente porque começamos a compreender que, para apreciar o belo precisaríamos de sentidos cuja confiabilidade parecia ser completamente relativa, especialmente no que diz respeito aos valores espirituais. No entanto, em todas as épocas, apesar de uma leve baixa no século 20, Vênus foi objeto de uma apreciação quase constante como representante da beleza. Como símbolo do belo, Vênus é universal, enquanto a natureza do belo não pode ser nem compreendida nem possuída por muito tempo. Um poeta italiano do século 16 declarou que o verdadeiro charme da bondade venusiana é um “não sei quê”. A ideia de sublime e o significado que podemos lhe dar somente aparecerão mais tarde. Jan van Ruusbroec talvez seja o primeiro a descrever o grande calor inerente ao processo interior do casamento alquímico espiritual. Nesse caso, ele chama de “sublime” a ação do Espírito. Na tradição espiritual da alquimia, a fase *sublimatio* é bem importante para o processo espiritual de transmutação. E a “imortalidade” (o tornar-se imortal) da alma foi inspirada pela atração pelo belo, na irradiação de Vênus, chamada de “divina”.

No Romantismo surge a relação disputada de um lado por nossa observação sensorial e, de outro, pela vivência do sublime e do belo. Essa é uma disputa ou uma luta que acaba na transfiguração, quando, com o auxílio do “fogo dionisíaco” conseguimos levar nosso processo alquímico a um sublime casamento alquímico.

Em uma prece mandeísta (comunidade joanita que tinha como rituais centrais o batismo, a pureza e a ação da luz) figura uma passagem na qual o devoto pede a Deus que seus olhos somente possam contemplar a beleza do mundo e não sua fealdade. Não se trata de pedir para aprender a ver o belo, mas sim de educar o olhar a fim de que somente perceba o belo que deve ser comunicado à consciência. É como se esses devotos quisessem modificar seu filtro sensorial, de modo que o que é observado reflita apenas os valores da pureza e os efeitos da luz.

Uma possibilidade como essa seria com certeza formidável e poderia muito bem acontecer que a grande Lei do Amor destacasse, em parte, uma visão semelhante da beleza da Criação e, principalmente pelo fato de abordar sem luta a natureza maravilhosa, recobrando sua fealdade com um manto de amor. Mas, será que temos permissão para negar uma parte da realidade? Aprender a apreciar tanto a beleza quanto a feiura não faz parte da senda? Não é importante sermos realistas e vermos a existência da beleza em contraste com a feiura? E isso, até a desconcertante descoberta de que a feiura é a prova de que a beleza é enganadora, como dizem J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri no livro *A Gnosis Chinesa*: “O homem é terrivelmente pobre em beleza, em real beleza, por isso ele venera as aparências. E, por ser muito infeliz, ele nega o feio. Inutilmente, pois construir sua vida sobre aparências, sobre o irreal, provoca fortes reações contrárias. Quando descobris que determinada situação que, de todo coração e cheios de convicção, consideráveis bela, na verdade não o é, vossa primeira reação é repelir essa descoberta. Todavia, à medida que prosseguis, a realidade dessa feiúra vos sufoca. Isso significa, então, mergulhar na apa-

Tanto a aparência do belo como a aparência do bem contribuem para o surgimento do feio

rência e degenerar através dela. Ambas, a aparência do belo e do bem, fazem surgir o feio”.

Daí podemos concluir que o verdadeiro belo somente pode ser vivenciado naquilo que é sublime?

Algumas pessoas acham que vivenciaram o sublime – ao menos daquilo que elas chamam de sublime: uma experiência superior, um instante de despertar, uma elevação espiritual, uma serenidade, um estado de unicidade* que inclui o sentimento de vivenciar um perfeito equilíbrio de sons, cores, formas e conteúdo. Seja em separado ou ligados, os sentidos e a consciência poderiam vivenciar a percepção do sublime. A harmonia das proporções pode ser sublime: ela pode emocionar e atribuir profundidade, evocar uma vivência de ideias do bom, do belo e do verdadeiro, como na Grécia clássica.

Em Grego, não há palavra para “sublime” – no entanto esse termo deve ter uma origem linguística, etimológica. Entre os séculos 12 e 14 encontramos esse termo no francês arcaico (marcado pelo latim) e inglês médio. Em sua origem, o latim fornece uma descrição imagética de *sub-limen*, que significa “debaixo do batente, do limiar da porta”. Depois, passou a significar “alto no ar, elevado”. Mesmo que não haja palavra equivalente no grego, a conotação afetiva do belo, bom e verdadeiro sobre os quais fala Platão está muito próxima da ideia de sublimidade. Entre os gregos, o belo tinha

valor absoluto, por mais que essa ideia esteja próxima da que temos hoje.

No entanto, o sublime enquanto vivência parece datar de uma época posterior, por mais que a célebre *Alegoria da Caverna* de Platão sugira esse tipo de experiência.

A evolução do termo, no entanto, fará surgir um nivelamento de sentido que chega até a não-significação. É como se o “sublime” perdesse sua força e, perecendo em seu próprio grito, se perfilasse na mesma categoria de “gigante”, “mega”, “super”. Falando em nivelamento de sentido, o último e o sublime disputam o primeiro lugar. O autor Hans Hartog de Jager mostra a causa disso em seu livro *O Sublime*: “Essa palavra está de tal modo contaminada pelo exagero e pela falta de realismo que já não pode ser utilizada sem um toque de ironia e somente pelos comentaristas de futebol e adolescentes que usam a linguagem televisiva”. De acordo com esse autor, “sublime” virou uma palavra “que mostra a impotência espiritual e a falta de sutileza”.

A vivência do sublime

Percebemos já ao vivo essa experiência: determinada vida da alma que busca seu prolongamento no sentido de “elevação”, de “aspiração a elevar-se” e, no sentido negativo, de “ambição”. ** Na mística de mestre Eckhart, na filosofia de Ficino e Nicolau de Cusa, essa pesquisa de elevação corresponde ao esforço para alcançar o ideal clássico da vivência do belo e da unidade. Com relação ao uno eles se baseiam em Plotino, o neoplatônico. Espan-tosamente, na obra de Ruusbroec o termo “sublime” é utilizado pela consciência que se eleva, vista como um estado de ser iluminado: uma poderosa chama interior de enorme claridade (a elevação do casamento alquímico espiritual). O casamento espiritual a que ele se refere diz respeito aos processos alquímicos interiores.

A alma

Em muitos trechos nos quais ele cita Hermes Trismegisto encontramos essa elevação de espírito que pode ser conhecida pela vivência da alma que observa as mudanças que ocorrem em seu interior. Nessas ocasiões, a vivência do sublime vem acoplada à sonolência dos sentidos corporais. Hermes afirma: “Um dia, refletindo sobre as coisas essenciais e tendo meu Noûs se elevado, aconteceu que meus sentidos corporais adormeceram completamente, tal como alguém que se vê vencido por profundo sono após lauta refeição ou por motivo de grande cansaço físico”. Atenção! Aqui ele não está tratando de algo sensorial, mas sim fazendo uma comparação para abrir nosso entendimento profano ao sublime. Alguém poderia achar estranho acoplar uma elevação de alma ao entorpecimento dos sentidos, e perguntaria como o belo, como valor absoluto, poderia ser vivenciado na arte e na ciência a não ser pelos sentidos. Isso não seria um sinal de que o belo, que é um componente do sublime, não pode existir como valor absoluto na arte e na ciência e que, de fato, a feiura seria a prova de que o belo é apenas aparente? No entanto, o filósofo Espinosa irá reproduzir, mais tarde, um processo semelhante. Ele vai deixar para trás todos os pensamentos que tratam de riqueza, honra e sensualidade, permitindo, assim, que sua alma possa elevar-se: uma vivência que, assim como Hermes, somente é possível no plano da alma. A sublimidade espinosiana é a “razão elevada”, que se compara ao “verdadeiro” em Platão.

Vivenciar o sublime a partir dos sentidos?

Ao longo do tempo, a partir de mais ou menos 1750, as pessoas começaram a recusar-se a se resignar com a impossibilidade de vivenciar o sublime a partir dos

sentidos. O Século das Luzes e o Romantismo fizeram pesquisas a fim de descobrir se o sentimento da perfeição quanto ao belo vivenciado pelos sentidos poderia levar o observador a uma experiência que corresponderia à sensação abstrata do belo de Platão. Com o Romantismo, o que as pessoas pensavam ser o sentido do belo entre os gregos passou a ser objeto de um novo sentimento. O Renascimento havia examinado os valores clássicos da Antiguidade de modo racional, e eles já chegavam a tocar o nível dos sentimentos. No início, o belo é ainda perfeita harmonia de acordo com a medida, o número, a

cor, a arquitetura. Um artista que cria uma ordem de acordo com normas universais faz isso com base em sua vivência pessoal. Na experiência sublime do belo, o caos torna-se cosmo. Na Grécia, especialmente para Pitágoras, a beleza coincide com a “ordem divina”. Mais tarde, para Plotino, ela corresponde ao “esplendor divino”. E esse “divino”, para os gregos, poderia muito bem ser qualificado de “sublime”. Pode parecer, agora, que o belo tornou-se inacessível e causador de cegueira por sua luz, como se a harmonia perfeita lhe concedesse uma beleza estática. Do mesmo modo que a crença em um céu que seria

Links:

À esquerda: Templo da Harmonia, em Agrigento, Sicília, cerca de 440-430 d. C.

À direita: James Turrell faz instalações de cores que “multiplicam” a percepção, como esta instalação no Museu Guggenheim, em 2013.



um lugar de estadia ideal é rejeitada por muitas pessoas por causa da monotonia que elas sentiriam, também o fato de não ser mais inspirado, motivado, emocionado, animado e colocado em movimento por efeito de emoções daria a impressão de que o céu teria sido desertado pela vida.

O Romantismo

Isso explica por que, depois de ter vivenciado a perfeição do número e da medida no espírito no tempo do Renascimento e do Barroco, com o Romantismo as pessoas começaram a sair em busca do belo na natureza. Em meio à natureza selvagem e

violenta, elas queriam sentir-se emocionadas por ela, até sentirem sensações-limite tais como o perigo (sensação que é traduzida, por exemplo, pela pintura de William Turner). Assim, todos queriam sentir a pura rusticidade dessa natureza como uma experiência única.

Era também a consequência da distinção entre o belo e o sublime estabelecida pelo século 17. A beleza da natureza provoca sentimentos de serenidade e de calma, mas também experiências intensas, caóticas e revolucionárias, o que pode levar ao estu-
por, à angústia e ao sofrimento.

Também existe uma possibilidade de

Na vivência
do belo e do
sublime o
caos torna-se
cosmo

.....





manifestação do sublime no imprevisto. Em sua obra *A Respeito do Sublime*, (1801) F. Schiller fala do sentimento diante do sublime como uma confusão de sentimentos. Em sua mais elevada expressão é um “fazer demais” que dá ao mesmo tempo um arrepio e grande alegria, combinadamente, que podem culminar em um encantamento. Esse “fazer demais” é descrito por Jacob Boehme como uma luta cavaleiresca que

precisamos trazer para dentro de nosso ser. O encantamento não é um “encantamento dos sentidos”, por mais que, na fase de surpresa, os sentidos intervenham. E por mais que se trate de uma delícia, para as almas refinadas esse sentimento é amplamente preferido ao sentimento ligado aos sentidos. Parece que Hermes Trismegisto e Espinosa tentam também nos fazer compreender isso.

O casamento (alquímico) de Hermes, o Sublime, e Herse, segundo uma representação de Giovanni Jacopo Caraglio, originária da tapeçaria de Willem de Pannemaker, por volta de 1570

A natureza surpreendente e indomável – uma experiência sublime

Sentimos como sublimes alguns fenômenos da natureza quando eles escapam à nossa vontade e não podemos controlá-los. Falamos aqui da natureza bruta, como por exemplo a retratada pela pintura de Turner: tempestades, oceano raivoso, furacões, vulcões, alturas e precipícios, riachos impetuosos. Diante da natureza nossos sentidos podem se alterar e desvendar uma dimensão na qual homem e natureza se interpenetram, suscitando um estado de “auto-esquecimento” ou “auto-entrega”. Esse estado de ser pode impulsionar a vivência de uma forte união com a natureza. “Por essa experiência de unidade a natureza pode ser novamente a realidade na qual sabemos que estamos enraizados e a partir da qual vivemos.”***

Mas essa experiência não intervém antes de termos tomado consciência de que a combinação de dois sentimentos opostos reduz de maneira irrefutável nossa autonomia moral a um único sentimento, desnudando-a. Nossa experiência diante do sentimento da sublimidade é que nosso estado de espírito não está necessariamente voltado para uma plenitude dos sentidos; que as leis da natureza não são obrigatoriamente as nossas leis; e que possuímos princípio autônomo, independente de todas as emoções morais.

A alquimia

Tudo o que vimos até agora ficará mais claro se compararmos os dados de início com as diferentes fases alquímicas. Aí podemos reconhecer as fases *solutio*, *coagulatio* e *conjunctio*.

Solutio – a autorrendição, a dissolução, a tomada de consciência da gota no oceano. *Coagulatio* – a ligação da essência espiritual com a gota no oceano.

Conjunctio – a coincidência e a fusão dos elementos paradoxais no Espírito único e independente.

O Romantismo e o sublime em outras expressões artísticas

Beethoven, Chopin, Mahler, Debussy, Arvo Pärt e outros são compositores que puderam deixar ressoar a natureza selvagem, o apaziguamento e a dissolução em sua música romântica. Na peça *A Flauta Mágica*, Mozart retraduz os momentos alquímicos das *Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz* (Cristão Rosa-Cruz). Na verdade, todas as disciplinas artísticas do Romantismo tentam tornar possível o Sublime. Há até pensadores que acham que a melhor literatura do gênero “romance” foi escrita no século 19.

Como é possível colocar ordem no caos?

No entanto, as tentativas dos autores românticos de vivenciar o sublime no imprevisto são diferentes quanto a pontos importantes da missão que se auto-outorgavam os gregos: a de fazer do caos uma ordem, um cosmo. No cenário de fundo onde Cronos (o tempo) devora todos os seus filhos, Platão está em busca de uma solução para tentar preencher a lacuna entre o mundo como ele é e o mundo tal como ele poderia ser, se eles coincidisse com um mundo de ideias onde reinam o bom, o belo e o verdadeiro. Enclausurados neste mundo sublunar onde vivemos, nós, seres humanos, não conseguimos compreendê-lo porque não nos lembramos desse Mundo das Ideias. Também é importante imaginar como lidaremos com essas duas concepções que se tornaram dados históricos a fim de conduzi-las a um novo desfecho. Será que conseguiremos ir além de Cronos para colocar ordem no caos de um modo inspirado, baseados em Urano, o planeta da intuição e do gênio e mestre de Aquário, o Aguadeiro? Será que, depois do Romantismo, conseguiremos nos aproximar do sublime como uma nova realidade de

Todas as formas de arte no Romantismo são tentativas de expressar o casamento (alquímico) de Hermes, o sublime

.....

vida trazida pelas influências dos planetas Urano e Netuno, trazendo novas aquisições sublimes, como sinal de um tempo realmente novo? Neste século 21, o sublime poderia se tornar o resultado de uma alquimia espiritual atual, que precederia um sublime século de ouro?

Dionísio e Apolo

Isso é possível, responde Nietzsche no século 19, pela transfiguração, a partir da compreensão de que o campo de vida espiritual é governado por forças dionisíacas e apolíneas. Dionísio é o princípio do fogo alquímico que ao consumi-las, libera as forças ígneas incontroláveis. Assim, libera o sublime que está oculto, permitindo que essas forças impuras possam, por meio da transfiguração, tornar-se apolíneas ou divinas.

Portanto, isso não pode ser realizado por meio da contemplação de uma beleza estática elevada e única nem mediante esforços realizados para chegarmos a uma perfeita harmonia, mas sim através de um processo de transmutação que finalmente surgirá como nada mais do que um processo interior: um processo de consciência. E Nietzsche, que ficou bem à vontade no Romantismo, nos fez ver que esse processo interior dava mais força à ação, a atos firmes e fortes. Somente poderemos consumir essa transfiguração por nós mesmos e não a projetando a partir de alguém ou do mundo. Em alquimia, isso corresponde à fase *coagulatio* – a atividade autônoma sobre si mesmo; e *sublimatio*, a arte de libertar o espírito que está em segredo (Cronos ou Saturno) de suas limitações e ligações inferiores. Essa autonomia de atividade ou *coagulatio* também é chamada de *labore*: trabalhem! Para que esse trabalho não se volte na direção das outras pessoas ou do exterior, Nietzsche ordenava: “Realizem o combate dentro de si mesmos!”, para obrigar que a energia seja conservada e direcio-

nada com base no processo interior da transfiguração.

Sem dúvida, é a forma ativa do “Homem, conhece-te a ti mesmo!” dos gregos. Dois “mandamentos” que, realmente, não se excluem, sendo paradoxais e complementares, no sentido de “fazer que se torne inteiro ou completo”.

Mondrian, o Estilo e o sublime

Durante o turbulento período dos séculos 19 e 20, apresentou-se um novo modelo de harmonia em uma roupagem totalmente nova: entre outros, a do pintor Mondrian e o movimento artístico de Theo van Doesburg (“Estilo”). Os dois se puseram a buscar a natureza, sua harmonia e seus modelos. Podemos observar uma transformação do Barroco ou até uma reação a ele, e também uma estrita aplicação das leis dos números e medidas (a ordem de Saturno) – a partir de uma visão de mundo na qual uma abordagem quantitativa e racional severa da natureza eliminaria as chances de encontrarmos ou vivenciarmos o sublime e assim, faria desaparecer a possibilidade de reconhecer nela os modelos para nossas vidas. A busca pela simplicidade e pelo fundamento dessa natureza, em um elemento de cultura como uma pintura, deu mais profundidade à experiência vivida e permitiu a alguns vivenciar a sensação de sublimidade. E isso não era válido somente para os quadros de Mondrian, mas também para as obras de Rothko, Newton e James Turrell. Geralmente monocromáticas e abstratas, essas obras interiorizavam infinitamente: tanto elas “falavam” que atraíam demais. Portanto, o belo é sentido em uma abstração aparentemente simplista que emociona – porque parece que, nessa simplicidade, sentimos a unidade dos contrários, de um modo misterioso. Assim, poderíamos, sim, sentir o sublime pelo viés dos sentidos!

Rejeitando o belo

Porém, no início do século 20 surgiu uma nova ideia que passou a tomar lugar central. Na pintura e nas artes plásticas, as pessoas se perguntavam se o belo e a vivência do belo não eram um obstáculo para o sublime. Por volta do final do século 18, Edmund Burke, em seu livro *A Respeito do Sublime* dá uma explicação sobre o belo e o sublime sob uma ótica puramente a estética. E faz isso simplesmente definindo o processo de percepção e seu efeito sobre o observador: o belo provém da harmonia e do equilíbrio, e o sublime é a consequência de uma emoção muito dolorosa ou desagradável causada pela obra. Ele foi o primeiro a manifestar esse modo de olhar, em seus quadros. Durante a Primeira Guerra Mundial, a linha que demarcava o belo e o sublime foi levada para mais além por Marcel Duchamp que praticamente declarava guerra ao belo e à harmonia. Na música também, depois de Debussy, houve um afastamento da harmonia tonal, que até então era considerada universal. Isso teve como consequência o surgimento de um novo gênero musical, composto de modo a negar a música consonante, harmoniosa e melodiosa. Era a música atonal: uma forma musical sem modo nem gênero tonal fixo. Representantes desse gênero, como Schönberg, Stockhausen, Hindemith, tentaram romper todos os laços com a alma e expulsar todas as vivências sentimentais da arte. A ideia inicial era a de que era necessário manter total indiferença com relação à estética em razão do fato de que o belo e a vivência do belo criavam obstáculos para o sublime. Talvez afirmassem isso baseados na ideia de que não há somente belas aparências e que a fealdade é a prova do caráter aparente do belo. O fato de rejeitarem e minarem o belo evitaria que caíssem na armadilha da sugestão do sublime, do absoluto, do ser autêntico, que poderia

emanar do belo. Na verdade, se algo pode ser ligado ao belo isso representa o declínio, a decadência: esse belo jamais pode ser uma característica do bom ou do verdadeiro absolutos. Essa beleza é e era suspeita, charmosa e enganosa.

A beleza do feio

Desse modo, eles defendiam a apreciação do feio – e aí se incluía a ideia de que uma coisa pode ser apreciada por sua feiura, seja por sua decadência, sua decomposição, ruínas e por tudo o que é grosseiro, mal acabado, deletério, simplório ou artificial.

O arquiteto Ashok Bhalotra introduziu o experimento da construção degradada, em ruínas. Isso pode estar próximo do romantismo de Turner. Seria como no conto *A Bela e a Fera*, no qual Bela reconhece o quanto há de autenticidade em Fera, ou como, pela dificuldade de tirar a casca, acreditamos que a casca da noz contém um fruto branquinho. Ou então como nos sentimos ligados aos dois, sem dúvida achando que o belo pode ser tanto alegria como tristeza em relação ao Paraíso que está próximo e inatingível...

O Universo é insensível

Em seguida vem a reabilitação tranquila do belo na arte. A vida afetiva tece um fiozinho fino para o sublime. Seria mais como Ravel, com seu *Bolero*, que é demoníaco por seu efeito enfeitiçador. O mesmo acontece com a inspiração ligada à desarmonia, à injustiça e à depravação, como nas composições invasivas de

A música atonal rejeitou o belo porque achava que era sedutor e traiçoeiro

.....

Galina Ustvolskaya, tidada como “garras na alma”. Essa compositora sofreu muito porque, diante de seu lamento e seu “grito primal”, o Universo continuou indiferente a uma existência injusta que se perdia em sua obscura amplitude: um grito nascido, sem dúvida, de sua impotência para ver a beleza do Universo.

No entanto, essa beleza comoveu os astronautas quando viram a Terra lá de fora. Eles sentiram o valor estético com emoção: “Como é linda, essa nossa Terra, no meio do espaço imenso! Como ela nos dá um sentimento de solidariedade e de unidade!” O mínimo traço que vai em direção à sublimidade sentida emocionalmente caminha par e passo com a reabilitação prudente da apreciação do belo. Em 1946, o pintor americano Robert Motherwell opina que “o esteticismo obtém sua função a partir do meio”, ou seja, ele é um meio para alcançarmos os bastidores infinitos das emoções a fim de dar-lhes a densidade de um objeto que pode ser observado.

Será preciso haver contradições para vivenciarmos o sublime?

A opinião do escritor Manfred van Doorn é a de que é necessário haver contrastes para termos a vivência perturbadora da sublimidade: “A amplitude profunda e negra do Universo incomensurável e imponente, o vazio do espaço cósmico insuportável e terrível que contrasta o delicado e frágil planeta Terra azul-platinado, com seu fino véu atmosférico e sua luz resplandecente”. O que o autor descreve ou pinta expressa a importância relativa, marginal e insignificante do ser humano espaço-temporal: “Ele nasceu da poeira das estrelas e voltará à poeira das estrelas – em meio à indiferença do Universo”. Assim como aconteceu com Ustvolskaya, essa indiferença do Universo por seu grito primal o enche de angústia. Van Doorn descreve o sublime como uma forma intensa de consciência que se asse-



As “casas-em-ruína” de Ashok Bhalotra valorizam o rústico, o inacabado e o *naïf*

.....

melha à felicidade que sentimos quando a tristeza e a alegria estão presentes simultaneamente e se sobrepõem no mesmo instante.

Um flash do sublime

O autor Van Doorn define esse instante como um flash do sublime na vivência da unidade dos opostos: “O flash é uma descarga elétrica de sublimidade que se libera quando o contato entre o positivo e o negativo ocasiona uma centelha. Essa comparação nos faz compreender que temos necessidade de contrastes ou de polaridades contrárias para conseguir vivenciar o sublime. Quando nos atemos a somente um dos polos, a centelha não se produz.” As contradições bem conhecidas que estão na base da vivência do sublime são o belo e o feio, a alegria e a angústia, a finitude e a infinitude. E Van Doorn completa essa série assim: espaço-tempo, vazio-pleno, ordem-caos, matéria-espírito, sujeito-objeto, eu-outro, causa-efeito. Por outro lado, ele pensa que poderia ser algo que apresentasse uma beleza tão grande que, para senti-la, todas as nossas forças precisariam ser imobilizadas. Assim, parece que o belo é um elemento importante para vivenciarmos o sublime.

Em qual luz as trevas não conseguem habitar?

É perigoso afirmarmos que o sublime é dependente da necessidade existencial de vivenciarmos os contrastes.

Uma abordagem atual das relações humanas afirma que, em virtude da dinâmica da vida, o amor precisa do ódio, assim como o desespero precisa da esperança. O mais difícil em uma relação é manter e proteger o amor dos primeiros tempos. É que, às vezes, precisamos que haja muita treva para sabermos que a luz existe.

Pitágoras testemunha que existe uma luz na qual não pode existir nenhuma treva. Ninguém que esteja vivenciando o amor irá desejar o ódio. E, para esse amor, a esperança é uma fase preliminar que não depende do desespero. Então: qual seria o amor ligado ao sublime?

Que brilho e que calor acompanham o sublime? Seria o brilho do fogo da elevação? Dizem que o amor impessoal e infinito está ligado a tudo o que é nobre no sublime. Para seguir em frente, quem está realmente desperto, quem foi admitido na unidade do Todo com uma consciência definitivamente transformada, não tem necessidade de atritos. É o que acontece quando estamos integrados na realidade unidade-liberdade-amor, em uma corrente interior que não tem necessidade de ser interrompida. Manter vivo esse amor superior e sublime já não é um trabalho que depende de oposições. O amor sublime é o amor da alma imortal: um sublime pássaro de fogo! É o fogo cósmico interior que Jan van Ruusbroec explica, como se a alma sentisse um calor incrivelmente grande quando se aproxima do mais da “infinita profundidade”. É isso que ele qualifica de sublime. A partir desse momento, o fogo interior transforma-se em fogo cósmico – um fogo que promove a união entre o microcosmo e o cosmo, um fogo suave e que não pode ser extinto.

É o fogo da renovação e da continuidade. A luz desse fogo não vacila. Esse amor não precisa de forma alguma do ódio! As chamas do ódio não têm nenhum domínio sobre esse amor, pois elas não são do mesmo nível. O amor é de qualidade diferente; o ódio e o mal não podem jamais ser sublimes, não alcançam esse nível. O ódio e o mal podem alojar-se em nossas profundezas, mas eles não têm suas raízes na infinita profundidade, o *Ungrund* [NT: conceito desenvolvido por Jacob Boehme].

O ornamento de um casamento alquímico, espiritual

O sublime tomou forma a partir de um notável processo ígneo, ao casar os pares opostos. Ele somente pode enfeitar-se “com a força d’Aquele que de dois faz Um”. Assim como a natureza se renova pelo fogo (*Ignus Naturae Renovator Integre*, INRI), a força crística manifesta em nós o dois-em-um dinâmico de um estado iluminado e sem atritos que é próprio de uma dialética divina. Jan van Ruusbroec fala do “ornamento de um casamento espiritual”, da magnífica veste da dupla unidade.

O sublime décimo-terceiro éon

O belo também desempenha um papel crucial no livro *As Nupcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz*. Ele surge como a Vênus prodigiosa e inviolável. Uma grande beleza que CRC pode observar, por mais que isso não corra completamente conforme as regras... Enquanto no mundo dos seres humanos o ódio e o mal são dados terríveis mas reais (sim, é aterrador o que os seres humanos infligem uns aos outros), na realidade superior da alma imortal a consciência atravessa todos os níveis sem que as forças dos arcontes se dêem conta disso, para elevar-se até o sublime décimo-terceiro éon [NT ver *O Evangelho gnóstico da Písis Sophia*].

Por mais que tenhamos consciência de que o belo absoluto não é acessível, isso não é uma razão para combatê-lo

O belo – que é a alma imortal – escapa dessas forças e dessas potestades pelo fato de que ela é de um nível superior: ela é da ordem da “Vênus dos Mistérios”, que desvela sua nudez (sua realidade), perfeita e indescritivelmente bela e pura, de tal modo supranatural e intocável que CRC se sente como paralisado, assim como é descrito no quinto dia das *Núpcias Alquímicas* (“Vi então Vênus, completamente nua, graciosamente deitada e tão bela que fiquei como que pregado no chão...”)

A beleza de Vênus

Como explicar que aquilo que é perfeito, de uma beleza indescritível, sobrenatural, intangível, possa não passar de um meio para nos conduzir ao final sublime, nos levar até a sétima fase do processo alquímico da união dos contrários, ao *conjunctio*, ao estado de transfigurados? O homem atual, na fase cultural em que vivemos, não consegue conceber isso. Ele também rejeita a beleza. Ele a recusa até mesmo conscientemente, de tão inclinado que está a apreciar a decadência, a buscar a desarmonia e expulsar o belo da arte.

O belo e o amor que não conseguimos explicar

A refutação do belo ainda não estava em vigor na fase da cultura precedente, no momento em que Agnolo Firenzuola, poeta e escritor italiano, redigiu, em 1548 *Della bellezza delle donne* (Sobre a beleza das mulheres), um diálogo que começa com dezenas de páginas consagradas à beleza descrita em todos os seus tons. O autor constata, no fim das contas, que o que dá charme à beleza

feminina nada tem a ver com tudo o que foi escrito sobre ela com base na admiração e no encantamento. Para ele, o verdadeiro charme da beleza de Vênus não é nada disso, mas “um não sei quê”. Mas isso não passa de um modo de adiar a questão. Montesquieu, pensador francês do Século das Luzes (século 18), não nega a existência do “encanto invisível” das mulheres e das obras de arte. É como o que acontece quando estamos apaixonados: podemos muito bem senti-lo, mas não conhecê-lo, pois esse encantamento não é de natureza intelectual, ele não é racional. Ele não pode ser compreendido ou explicado.

No século 20, o filósofo francês Vladimir Jankélévitch sai em defesa do belo contra o qual ninguém deve se insurgir, pois ele não seria um objeto de rejeição. Mesmo quando temos a consciência de que a verdadeira beleza não pode ser alcançada, nem por isso devemos combatê-la ou reduzi-la a uma falsificação. O fato de nos encontrarmos diante da impossibilidade de dizer que o belo absoluto existe não significa que ele não exista! O belo absoluto jamais pode ser percebido.

Nós apenas podemos encontrá-lo em suas múltiplas formas e aparências! Ele apenas transparece através das coisas e, portanto, sempre sob as mais diversas formas. Encontrá-lo pode ser precioso para elaborarmos um esboço e uma pedra fundamental de construção rumo ao sublime! Essa compreensão estava ainda viva no decorrer de um período mais recente da História. O impressionista francês Paul Cézanne supõe que essa força nos tornasse aptos a nos elevar até o belo (ou seja, Eros) tenha

Fontes:

- *De vleugels van weemoed, een pleidooi voor schoonheid* (As asas da melancolia – em defesa do Belo), Francis Smets, Deystere Uitgeverij, 2014

- *A Gnosis Chinesa: comentários sobre o Tao Te King de Lao Tsé*, J. van Rijkenborgh e Catharose de Petri ; 2ª ed. – Jarinu, SP: Lectorium Rosicrucianum, 2010, cap. 2 (Wu wei), pp. 34-35.

- *Het sublieme, het einde van de schoonheid en een nieuw Begin* (O sublime, o fim do Belo e um novo começo), Hans Hartog De Jager, Atheneum Polak, 2015

- *As núpcias alquímicas de CRC*, Volume II, J. van Rijkenborgh, *Lectorium Rosicrucianum*, 1996, São Paulo-SP, Tomo II, p. 131).

- *Flitsen van het sublieme* (Flashes do sublime), Manfred van Doorn, Editora Indigo

- *Ik weet niet wat* (Um não sei quê), Francis Smets

- *De verhevenheid van de geestelijke bruiloft of de innige ontmoeting met Christus* (A elevação do casamento espiritual ou um encontro íntimo com Cristo), Jan van Ruusbroek, Lannoo / Tielt / Amsterdam, 1977

- *Alchemie als innerer Weg* (A alquimia como caminho interior), Dr. Dagmar Uecker, 2007, DRP Editora Rosacruz, Holanda

* Trata-se da coincidência de opostos, como *Cusanus* (Nicolau de Cusa) chama a *conjunctio*, a sétima fase da alquimia

** Vocabulário conciso do Latim, de F. Muller e E.H. Renkema

*** Christa Anbeek: *Overlevingskunst* (A sobrevivência), capítulo “O belo e o sublime”

desparecido, mas que o sentido de nossa busca é o de recobrar nossa essência – que é o aspecto mais interior do belo – e restabelecê-la.

A arte, toda e qualquer arte, pode tentar restituir essa essência: na simplicidade, com meios técnicos avançados, com abstrações e com engajamentos sociais. Mas, no final das contas, o belo como um meio necessita de uma reflexão interior. Vênus precisa ser internalizada para que possa dar lugar à “surpresa” do sublime, como uma eterna iluminação.

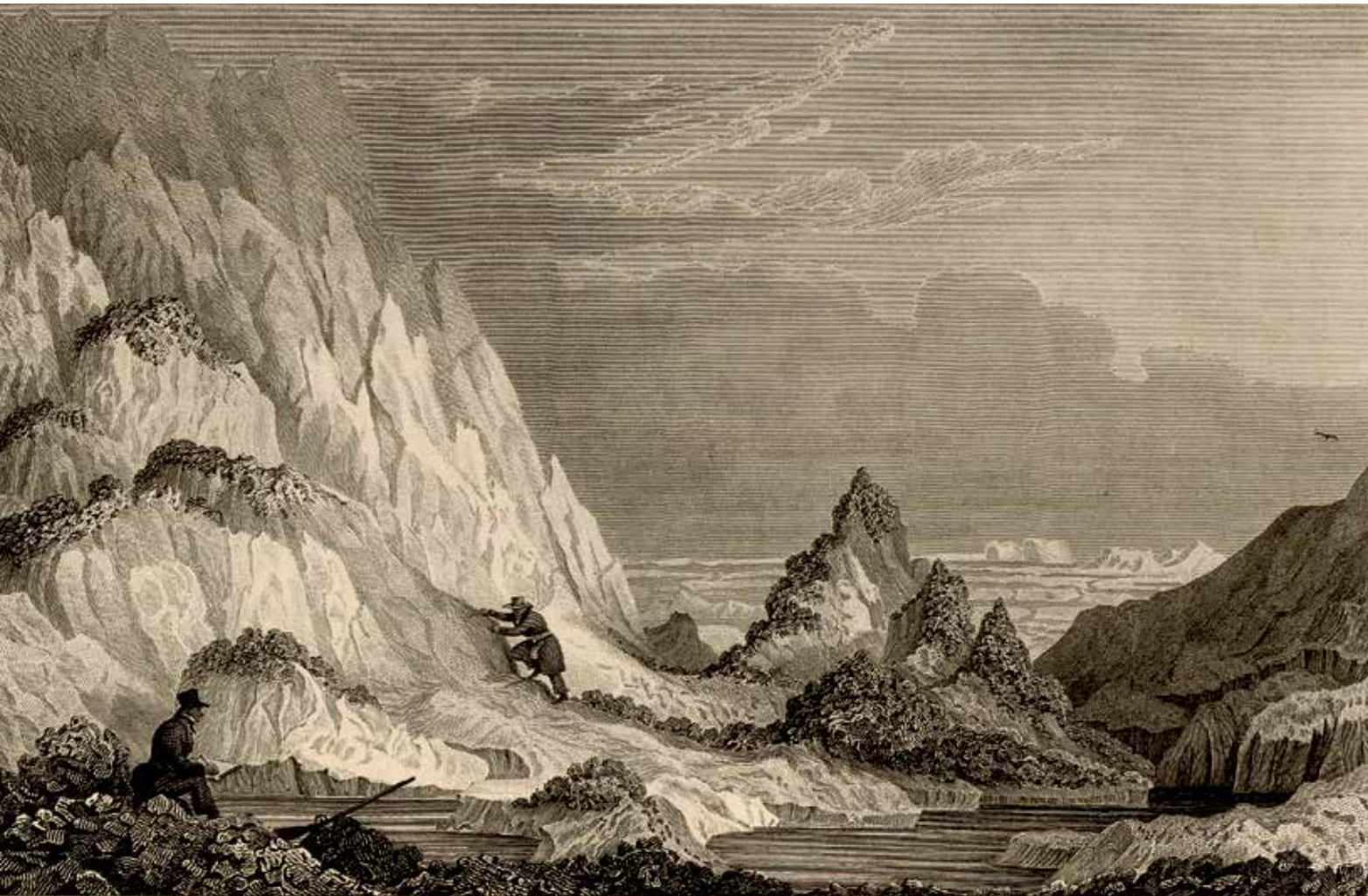
Essa “posse” interior não significa nada

mais do que trabalhar com a força infinita e impessoal do amor no grande campo de calor já mencionado. Trabalhar com essa energia faz que a “árvore se dissolva”, como é dito no livro *As Núpcias Alquímicas*.

Quando a fusão em nosso interior estiver concluída (a fusão da transformação alquímica que opera como síntese), Vênus despertará e tornar-se-á mãe do rei, como nas *Núpcias Alquímicas*. O ser humano sublime, o rei-sacerdote, acaba de despertar.

Então, é exalada a prece inspirada pelo belo: a prece de enxergarmos “com os olhos do amor”! ✪

Iceberg encerrado por um recife. Desenhado pelo Capitão Back em uma expedição ao rio MacKenzie entre 1824–1826



O olho e a testemunha



Estudo de Michelangelo

Há uma ideia comum de que a personalidade desaparece totalmente após a morte. No entanto, como diz Jacob Boehme: "quem morre antes de morrer não morrerá quando morrer" – e assim a personalidade se torna testemunha de um processo miraculoso que traz em si a harmonia. Para ela, é como se uma estrela longínqua fosse descoberta: a fonte de sua própria existência! E ela entra em Unidade com essa estrela. Jacob Boehme explica que "sua alma torna-se um olho que percebe".

Para quem pertence à Escola Espiritual, além do nascimento neste mundo há dois momentos importantes de um ponto de vista superior, cósmico. O primeiro é sua entrada, ou seja, o primeiro contato com a Escola. É o momento em que seu coração é tocado e se abre a esse "algo desconhecido" que é a Gnosis. Trata-se de uma lei da Luz, e as leis da Luz não variam. É também o momento em que o ser humano diz, com firmeza: "Sim, é isso! É isso que eu estava buscando há tanto tempo!" É assinar embaixo da verdade que está expressa em um poema extremamente singelo e marcante de Catharose de Petri, extraído de seu livro *Sete vozes falam:*

*Perdido segundo o eu
No deserto sem fim,
Eis-me um eleito
Em meu "nada mais ser".
A Luz encontrou-me
Nesses lugares dolorosos
E me chama, da aridez,
Até o Rio de Deus!*

Quando realmente vivenciarmos esse momento excepcional, estaremos existencialmente marcados no campo de vida cósmico. E é lá que uma estrela se põe a brilhar; e é aí que nascemos interiormente. Nada sabemos a respeito desse campo de vida, como um bebê que nada percebe ainda, inconsciente do mundo que o rodeia. No entanto, nesse campo de vida planetário, uma vida é dada à Luz. Uma onda auxiliadora plena de amor é liberada a partir desse campo, que é como

um conjunto de documentos que registram nossa viagem original – os documentos que nosso microcosmo recebeu quando iniciou sua Grande Viagem. O segundo momento importante é quando deixamos o horizonte terrestre. Não é nada impossível que, ao passar pela fronteira, nos sintamos em casa, no nosso país de origem! Esse caso é imensamente feliz, pois nesse momento, inspirados pelos impulsos do Espírito, temos a possibilidade de continuar nosso trabalho como uma nova personalidade transfigurada.

Também pode ser que nem tenhamos percebido a fronteira durante as horinhas que passamos nos divertindo na Terra. Nesse caso, logo na nossa saída, absolutamente nada muda para nós: todas as circunstâncias continuam sendo as mesmas e os problemas também – enfim, todos os valores que cultivávamos na Terra. Se podemos dizer que existe uma situação sem saída, pensamos que é exatamente essa.

Talvez sintamos falta de nossos amigos e familiares nos primeiros tempos, pois podemos estar certos de que as pessoas nascem, vivem e se reencarnam em grupos. Depois de um tempo mais ou menos longo, haveremos de nos reencontrar. Mas, nesse segundo caso, pelo menos uma coisa muda: *nada dá certo*. Já não conseguimos agir do outro lado da fronteira. Claro, aprendemos a ver tudo de outra maneira, a partir de um processo de efeito espelho e desintegração, mas não há meio de mudar o que quer que seja! Há um tempo de repouso, qualificado de eterno, como a tranquilidade no País do Sono (Lethes). De repente, tudo começa a se dissolver lentamente. Você se lembra de ser uma pessoa ativa, cheia de energia; agora, virou a testemunha daquilo que diz respeito a você mesmo, pessoalmente. Tudo passa desfilando diante de seus olhos e você revive tanto as coisas boas quanto as más e desagradáveis que você impôs às outras pessoas. A justiça é feita.

E a Luz diz: "Assim como instruí a Noé, assim vou instruir você". Essas leis são invariáveis. Pode ser útil nos colocarmos face a face diante de nossa própria realidade.

Ser testemunha

Ser uma testemunha: olhem que bela expressão para dizer o quanto fazemos parte disso. Ser aluno também é uma forma de testemunhar, no sentido de que "fazer parte" significa, nesse caso, estar incluído no Ser original. Podemos dizer até que é a essência do Caminho. O aluno que "faz parte" é incluído na Luz, é testemunha da ação da Luz dentro dele.

Na verdade, a "morte" do aluno acontece mais cedo: ele morre em vida! O processo que ele atravessa é semelhante à "dissolução das vestes" que

acontece normalmente depois da morte física. Essa dissolução acontece de acordo com linhas mestras da vida planetária que valem para todos. Mas, no caso do aluno... que diferença!

Ele não precisa observar como seus veículos se dissolvem. Ele vê outra coisa: ele vê como os processos elementares da vida mental, astral e etérica vão se harmonizando. O aquietamento de seu ser interior é causado pelo fato de que tudo vai se extinguindo precocemente – as tempestades inflamadas pelos sentimentos, as forças vitais que atravessam como relâmpagos seu ser aural, reduzindo a pó seu desejo de paz, o conflito entre seus sentimentos de culpa, suas dúvidas que se alternam com sua pretensa certeza, todas as lutas mentais que ele conhece tão bem, todos os fogos, todas as chamas – enfim, tudo o que exigia suas forças vitais agora reencontra o equilíbrio. O estado de equilíbrio é aquele que exige o mínimo de energia!

Apesar de tudo, o aluno que está focado não perde a *fonte de energia* que lhe foi concedida. Essa fonte se eleva como um Sol. Ele vivencia a “aproximação dos fogos da Graça” sob a forma de uma nova *lucidez* (e a palavra “lucidez” vem de Luz!) e também uma certeza interior sempre crescente. Ele se sente poderoso, equilibrado, pronto para iniciar a Obra. Ele se espanta e se pergunta o que será que fez dele um escolhido; o que foi que permitiu a ele ou ela vivenciar essa maravilhosa leveza interior, essa simplicidade, essa quietude.

Fugir do mundo

Um dia, os magistrados fizeram a seguinte pergunta a Jacob Boehme: “Você tem certeza, sapateiro, de que Deus nos escolheu?” Boehme respondeu: “Os eleitos não têm o hábito de vangloriar-se. É um modo de se revelarem na temporalidade das coisas, pois a temporalidade é cheia de dores do parto e perigos. Existe um selamento de Deus que

Se a alma conseguisse conhecer a Deus sem conhecer o mundo, então o mundo não teria sido criado para ela

marca a frente daqueles cujos selos o tempo deslaca. O eleito não é escolhido para um instante, mas sim para milhões de anos e ele nasce no tempo do grande ano da Graça para tornar manifestas as maravilhas que Deus planeja. Desde muito tempo o início e o fim de uma Nova Era, na qual nos encontramos na presente hora, já foram preparados para o gênero humano”.

O buscador sério interessado em biografias de homens e mulheres dedicados a Deus irá encontrar muitos testemunhos desse gênero. Mas vamos falar mais um pouco a respeito de Jacob Boehme. A resposta do sapateiro suscitou muita polêmica e todos começaram a falar ao mesmo tempo. Alguns gritavam que Boehme estaria divulgando uma mensagem muito diferente da registrada nas Santas Escrituras. Outros o trataram como um personagem perigoso e herege. Outros ainda o reprovaram por não rejeitar este mundo nem fugir dele, assim como o haviam feito os santos da história da Igreja. Ao contrário: eles o reprovavam por sair em busca deste mundo e iam contra isso, dizendo: “Sabemos que, se a alma quiser conhecer a Deus, deverá fugir deste mundo!”

Boehme, que era combativo, respondeu: “Se a alma pudesse conhecer a Deus sem ter necessidade do mundo, o mundo não teria sido criado para ela. Não devemos fugir do mundo, mas sim lidar com ele!”

Uma voz compreensiva gritou: “Se não fosse assim, como um ser humano poderia irradiar todas as suas propriedades maravilhosas sem encontrar resistência no mundo? A honra e a coragem somente resplandecem porque o mundo se opõe a elas com sua escuridão”.

Balthazar Walter, conhecido por ser cético, estava tomando parte dessa discussão. Ele era um homem infeliz que, inquieto, percorria o mundo inteiro em busca da Verdade. Sua verbosidade provocava medo. E não é que ele acaba encontrando alguém que dá testemunho da Verdade com força e firmeza? Boehme era uma pessoa que havia deixado sua lança sondar e descer tão profundamente que havia encontrado o próprio princípio original da Criação! Walter declarou: “Em nenhum lugar e nunca entre muitos sábios jamais me senti tão gratificado como neste momento. Até hoje eu ignorava que o saber interior podia me deixar tão feliz!”. Quanto a Boehme, que conseguia ver o interior da alma agitada desse peregrino, sentiu grande afeição por ele e lhe respondeu: “A alegria é o que há de mais divino possível para o ser



humano. Na verdade, desde que o Novo Homem tenha despertado, sua aparência também é plena de alegria. Assim como o ser humano exterior vê o mundo exterior, o homem renascido vê também, simultaneamente, o mundo divino no qual ele habita. O espírito divino, em sua alegria, apressa-se em conduzir a alma à divina escola de sabedoria onde ela poderá aprender mais do que em todas as escolas do mundo”.

Essa escola não se resume à Escola Espiritual, mas ela coincide bem com ela e engloba todas as verdadeiras escolas. Elas têm um núcleo em comum: o Ser nuclear de Cristo. Nossas almas são instruídas; nós somos testemunhas dessa instrução. A Sabedoria é ligada a nós e somos testemunhas dela. Nossas almas crescem, amadurecem, e somos testemunhas desse processo, sentindo-nos surpresos e maravilhados. Afinal, não é isso o que faz Cristão Rosa-Cruz? Ele não é testemunha desse processo durante os sete dias de sua viagem? Maravilhado, ele observa o processo das núpcias alquímicas e se rejubila! E, quando, ao chegar ao final, pensa que precisa desempenhar no dia seguinte o papel de guardião do portal, ele volta para casa!

As quarenta questões sobre a alma

Esse mesmo Balthazar Walter apresentou, em 1620, quarenta questões a Jacob Boehme.

Todas elas diziam respeito à alma. Todas eram formuladas pela razão humana. “De onde a alma provém? Onde ela respira? Como ela chega até o corpo? Quais corpos gloriosos ela vai conhecer?”

Boehme deve ter suspirado, mas respondeu a cada uma das perguntas, pois aquele que questiona tem direito a uma resposta, o que faz que a revelação seja possível. “Não sabemos mais do que os outros, mas nos foi dado dar-lhes uma resposta, diz Boehme, a fim de receber mais clareza para nossos próprios pensamentos, para a sinceridade de nossa busca e para a aspiração de nosso coração.”

A quinta pergunta de B. Walter era: “A alma se parece com o quê, e como ela se forma?” e a resposta de J. Boehme: “À imagem do galho que cresce de uma árvore e toma a forma da árvore; é como uma criança que é semelhante a sua mãe. Em seu princípio primordial, a alma tem a forma de uma bola ou esfera: exatamente como seu original, ela tem a forma de um olho. E não poderia ser de outra forma, pois não há nada que possa lhe dar outra forma. No entanto ela é dupla como um coração no qual existe a cruz.

Em segundo lugar, no segundo princípio, a alma é um espírito: ela é uma imagem perfeita, assim como o homem exterior também é.

E, em terceiro lugar, no terceiro princípio, ela é um espelho do mundo inteiro, de tudo o que existe no céu e na terra: todas as propriedades e todas as criaturas aí estão contidas, pois esse espelho é como o firmamento e as estrelas. Ela é semelhante a uma coroa na qual está inscrito o número do curso da vida do ser humano exterior, assim como o final de sua existência, incluindo toda a felicidade e infelicidade que estão reservadas para ele”. Assim, vemos que a alma é um olho que observa; um espírito que dirige; e um espelho de todas as forças do mundo. É essa vida tríplice que o homem vive. Cada um dos três princípios é um mistério, diz Boehme, ou um arcano, um segredo para os dois outros, e cada um deseja os dois outros: aí está exatamente o objetivo da Criação.

E o Uno Absoluto, o Criador Infinito, a substância celeste, deseja esse espelho, pois esse mundo visto em sua triplicidade tem semelhança absoluta com o Ser de Deus e Sua substância. Não potencialmente, mas na realidade, a divindade é manifesta em uma semelhança terrena, nos diz Boehme. Afinal, é impossível que o grande milagre do arcano, ou o mistério oculto, possa ser aberto no

mundo dos anjos, pois ele é completamente interior e provém do amor.

O que é interior e respira no amor e só conhece a felicidade, mas não o poder do desejo, somente pode, portanto, irradiar o amor de Deus e, assim, ajudar os reinos inferiores. Mas neste mundo terreno, onde se misturam amor e cólera, o milagre é possível! Nele o homem pode nascer duas vezes!

Boehme prossegue: “E, onde é possível o duplo nascimento, é possível haver milagre, pois tudo o que é exterior aspira intensamente a ser interior, busca sua imagem original e deseja a liberdade, deseja ser livre de sua limitação, que é a ignorância dos dois outros”.

Como se Jacob Boehme compreendesse que isso seria muito complexo para entendermos, ele nos explica assim: “Compreedermos que, na natureza, todas as formas aspiram à Luz, pois é desse anseio que provém o óleo (ou seja, a substância) no interior do qual a Luz pode ser conhecida, pois ela procede originariamente da clemência”.

Logo, precisamos primeiro conhecer nossa própria vida, que se situa no centro do fogo, pois a vida se inflama no fogo. E então, em segundo lugar, precisamos nos aprofundar nesse anseio de amor e no desejo voltado para o amor, que emana originalmente do Verbo e se expande no mais elevado dos céus, a esfera dos anjos, das almas puras. É a partir daí que o coração de Deus dirige seu desejo em nossa direção – seu grande desejo de nos atrair para seu mistério. “Atrair”: é assim que Boehme se expressa.

E, em terceiro lugar, temos de estudar, sondar o “reino mágico” desse mundo que também está aceso em nosso interior e nos faz mergulhar com força em seus esplendores, pois esse reino deseja manifestar-se! Na verdade, o homem é criado, engendrado para revelar esse grande mistério tríplice e para dar à luz esse prodígio,

dar-lhe forma de acordo com a sabedoria eterna. Foi assim que Jacob Boehme se expressou.

Essas palavras admiráveis não são muito parecidas com as da Rosa-Cruz clássica, a Ordem Rosa-Cruz? É como se, por meio de um modo de olhar e uma sabedoria diferente, fosse concedido a nós dar uma olhada no templo funerário no qual os Irmãos da Rosa-Cruz clássica descobriram o “corpo intacto de Cristão Rosa-Cruz”, enquanto matriz do novo homem!

Fortalecidos com a descoberta desse tesouro, nos tornamos principalmente mais pragmáticos. No centro de um mundo fragmentado, vemos bem pouco dessa gloriosa e harmoniosa imagem. Foi o que aconteceu com Boehme, que viveu durante a devastadora Guerra dos Trinta Anos. Além de si mesmo, sua obra e sua integridade foram alvo de repetidos ataques, durante toda a sua vida. No entanto, ele não deixou de direcionar as pessoas para as realidades espirituais e de testemunhar profundas verdades a respeito da existência do reino, do macro e do microcosmo.

Quanto a nós, devemos nos elevar acima da confusão e de todas as desarmonias, respeitando os três princípios seguintes:

1. Precisamos apenas observar, isto é, sermos testemunhas do processo.
2. Há uma consciência que nos dirige, um princípio bem mais seguro e confiável, mais pleno de amor que nossa consciência pessoal. Essa consciência inclui totalmente nossa consciência individual.
3. O espelho pode refletir o esplendor da Criação, na medida em que o alquimista que somos, como discípulos do Espírito, deixe que todas as forças entrem em fusão.

Mediante nosso renascimento interior, a Escola Espiritual deseja, acima de tudo, nos auxiliar por meio de seu corpo vivo. Ela nos atrai magneticamente para seu mistério. Em seguida e em contrapartida, ela conta totalmente conosco, na medida em que fazemos descer a longa sonda de nossa pesquisa até nosso próprio abismo original, a causa primeva, o *Ungrund* (“o sem-fundo”, o “sem chão”), onde já não vivenciamos como uma pressão angustiada nem o positivo nem o negativo, nem os fogos da graça nem os da oposição. Então, passamos a vê-los como forças formadoras da Criação. Aquele que olha nesse espelho vê o divino – a fonte das forças eternas que também estão acessas dentro de si mesmo!

Assim, em terceiro lugar, nos aprofundamos em uma idéia nova: a de que esta vida terrestre em particular foi criada para ser inteiramente imersa no prodígio do reino, tanto interior como exteriormente, tanto nas alturas como nas profundezas, tanto no grande como no pequeno. É que agora já sabemos que esse reino é tríplice, assim como nossa alma, nosso microcosmo.

Ele é um olho que está nos observando.

Ele é um espírito que nos dirige e governa. E é um espelho de todas as forças do mundo.

Vamos recriar o mundo – nosso mundo – por meio da magia tríplice do reino. Vamos cumprir esse plano, realizar nossa vida. Não daqui a pouco nem em algum outro lugar. Não. Mas sim na eternidade do hoje. Sabemos que, lá longe, uma estrela está brilhando tranquilamente e vela por nós. ☼



Quem pensa que a sabedoria não é nada mais do que aquilo que pode ser compreendido pelo entendimento, que a felicidade nada mais é do que aquilo que pode ser alcançado, está bem longe da verdadeira sabedoria, eterna e infinita. A mais elevada sabedoria consiste em saber isto: que o que é inatingível para o intelecto pode ser, no entanto, alcançado de um modo que passa inteiramente despercebido pelo entendimento e vai muito além da compreensão intelectual.

Nicolau de Cusa

No próximo número, a revista Pentagrama publicará um artigo completo a respeito de Nicolau de Cusa.

Sobre imagens do mundo

"Minhas paisagens mostram combinações de campo e indústria em todos os seus significados complexos e em camadas como a consequência não intencional do impacto humano em um ambiente frágil", diz Philip Govedare. O que ele pinta é tanto uma resposta como uma interpretação do mundo. Com uma mistura de beleza, medo e dúvida, *Skies* (Céus) e *Excavation* (Escavação) oferecem uma imagem do passado como projeção do futuro. "Estou preocupado em divulgar o estado da paisagem e da natureza em nosso mundo e minhas paisagens tentam causar uma reação no público." Philip vive e trabalha em Seattle, EUA.

Philip Govedare, *Excavation* (Escavação), pintura a óleo.
www.philipgovedare.com

LAMBSPRINCK
NOBILIS GERMANI PHILOSOPHI
ANTIQUI LIBELLVS
De
LAPIDE PHILOSOPHICO,
*E Germanico versu Latinè redditus, per Nicolaum
Barnaudum Delphinatem Medicum, hujus
scientia studiosissimum.*



FRANCOFURTI,
Apud HERMANNUM à SANDER.

M DC LXXVII.

A Pedra Filosofal

Os alquimistas começam a ilustrar seus tratados a partir do fim da Idade Média, e o fazem de modo mais sistemático após a Renascença. No princípio, de modo um pouco tímido e amador, mais tarde com mais imaginação e arte. Particularmente nas publicações dos séculos 16 e 17 encontramos pérolas de artes gráficas alquímicas. Trata-se de um florescimento tardio, desesperado, pois um século mais tarde a alquimia entra em considerável declínio e, no século seguinte, é declarada morta pela nova psique, e é quase totalmente esquecida.

TRATADO DO
NOBRE FILÓSOFO
ALEMÃO ABRAHAM
LAMBSPRINCK,
UMA OBRA DO SÉCULO
17 SOBRE A ALQUIMIA
INTERIOR

U

Uma dessas pérolas é o tratado de que vamos falar aqui. Ele comporta, além da página do título e do brasão do autor, 15 gravuras lindamente executadas, que representam, cada uma, um tema do trabalho alquímico. Além disso, cada gravura está acompanhada de um belo trecho de texto explicativo de fácil leitura, e por isso muito acessível para uma primeira aproximação da alquimia.

A identidade do autor, que se denomina Lambsprinck, é desconhecida. Também não se sabe quando precisamente ele viveu e quando escreveu o tratado sobre a Pedra dos Sábios. Sabemos que o tratado de Lambsprinck foi originariamente escrito em alemão e que, antes de ser impresso, já era um manuscrito ilustre. Lucas Jenning publicou os textos com ilustrações em 1625, no compêndio *Museum Hermeticum*. Nesse mesmo ano, Jenning também editou uma versão em alemão. Hermann de Sande foi o próximo a editar o tratado *Museum Hermeticum* em 1677. Foi essa edição latina que utilizamos para nossa tradução. Por fim, é dito que o artista gráfico responsável pelas magníficas gravuras seria Mathieu Merian, que também teria feito as 50 gravuras de *Atlanta Fugiens* e ilustrado os trabalhos de Robert Fludd. Mas isso não foi comprovado. Como Lambsprinck tinha um brasão, supõe-se que ele fosse um ourives ou um nobre. Mas também podemos ver aí uma interpretação simbólica de seu nome, como o "cordeiro de Deus" no brasão dos irmãos Van Eyck, no qual vemos a imagem do cordeiro representada com a fonte da vida diante de si.

Os quatro elementos

A maior parte do tempo, imaginamos os quatro elementos tradicionais como certo tipo de estados de agregação; uma disposição como também representada na *Turba Philosophorum*, o mais antigo texto alquímico conhecido: a terra é sólida, a água é líquida, o ar é gasoso e o fogo é etérico. Mas existe também uma estruturação possível, que data dos mais antigos mitos da criação e representa, na maior parte do tempo, o caos que reinava no começo como um mar infinito, uma massa de água ou oceano. Nesse caos, a criação criou a ordem. A terra e o ar acima dela separavam as águas de baixo das do alto no firmamento. O sol e as estrelas do firmamento são o fogo. É dessa forma que Lambsprinck utiliza os quatro elementos na classificação de suas ilustrações e de seus textos.

O compilador deste artigo copiou as ilustrações e fez mapas separados para tentar ordená-las de modo correto. Ele chegou ao seguinte esquema, que se assemelha ao cetro do hierofante, conforme a figura do Tarô: uma cruz com três barras transversais.

Embaixo, no esquema, a água é representada como um mar com dois peixes. Depois, um homem luta com um dragão. É a passagem da água para a terra. A terra é representada pela barra transversal de baixo. Vemos três imagens representando cada uma por sua vez uma floresta com dois animais que vivem sobre a superfície da terra: um cervo e um unicórnio, dois leões, um cão e um lobo. A seguir, um dragão que morde o próprio rabo. Ele representa a passagem da terra para o ar. Vemos o elemento ar em duas representações com pássaros. Na primeira, vemos uma árvore com um ninho; na segunda, dois pássaros lutando. A seguir, como figura central no esquema, vem o rei em seu trono. Ele representa o coroamento da Pequena Obra e a formação da pedra branca; a salamandra, que é assada, indica a passagem para o elemento fogo. As representações que se seguem já não sugerem animais, somente figuras humanas. Estas levam ao coroamento da Grande Obra e à formação da tintura e da pedra vermelha: a Pedra dos Sábios final.

Mercúrio (metal prata-viva)

De todos os metais conhecidos na antiguidade, o mercúrio (outrora chamado prata-viva) é o único que pode passar ao estado líquido em temperatura ambiente mais baixa que a normal. Ele é instável, retrai-se até formar pequenas bolas quando é vertido sobre uma superfície lisa e evapora-se rapidamente. Na alquimia, o mercúrio é a matéria base de todos os metais devido ao fato de que os metais são solúveis e, em temperatura elevada, tomam a forma que o mercúrio já possui em temperatura normal. Para a alquimia, a essência do mercúrio é a rápida mudança entre dissolver e coagular, entre o volátil e o sólido. Numerosas metáforas estão ligadas a isso. O volátil se eleva, se espalha; ele é centrífugo e se abre. O sólido está submetido à gravidade: ele se contrai, se comprime, é centrípeto e se centraliza. Essas propriedades formam uma metáfora muito apropriada à vida psíquica. Ela enfatiza dois movimentos de nossa atenção. De um lado, a elevação total, que permite perder-se em uma percepção ou uma impressão; de outro, o poder de se concentrar e reter essa impressão. Quando conseguimos reunir esses dois movimentos da atenção – aparentemente opostos um ao outro – fazemos nascer uma síntese entre instinto e intuição, entre

A
G
R
A
N
D
E
O
B
R
A



15
pedra vermelha



14
tintura



11-12-13
quintessência



10
FOGO

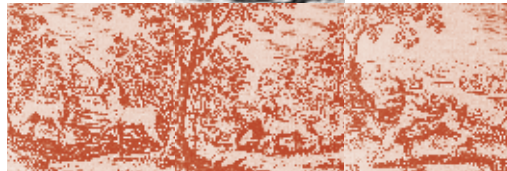


7-8-9
AR

A
P
E
Q
U
E
N
A
O
B
R
A



6
pedra branca



3-4-5
TERRA



2
putrefação



1
ÁGUA

sentir e pensar. Elevar-se totalmente em uma percepção e reter o sutil nela concentrado pode revelar em nós, como por milagre, uma região, abrir um espaço interior no qual podemos morar espiritualmente. Esse domínio é pleno de significado, mas desprovido de palavras; ele pode ser comparado a um sonho muito lúcido. É mais que uma visão: é a inspiração, que pode ser consultada desde que possamos nos lembrar dela.

É um processo sutil que exige não nos deixarmos distrair por imagens ou associações de pensamentos; se falharmos, a fonte se fecha e a inspiração desaparece. É a arte de aprender como podemos abrir essas fontes de inspiração, retê-las e descobrir quais são as áreas que as abrem.

O princípio que consiste em reter a inspiração a partir de fontes diferentes e religá-la a determinada ideia é o princípio da formação da Pedra dos Sábios. Mercúrio (o planeta) é ambivalente, tem uma dupla natureza expressa nos conceitos enxofre e mercúrio, sol e lua, homem e mulher, fogo e água, alma e espírito. O mercúrio (a “prata-viva”) é ambivalente porque deve sua existência a partir de certa sensibilidade de percepção (o mercúrio) e a um núcleo sólido de compreensão (o enxofre). É em torno do enxofre e em seu interior que aquilo que é observado (a inspiração) é centralizado, retido e conduzido a uma forma específica (o sal). Sem uma base tão sólida de compreensão em que a atenção é focalizada, a clareza intuitiva se volatiliza e já não será utilizada.

Assim, o mercúrio, o enxofre e o sal formam os elementos básicos do mercúrio “prata-viva”. Veremos essa teoria frequentemente aplicada no tratado de Lambsprinck. O símbolo do mercúrio é o sinal do planeta Mercúrio. Ele é, de fato, composto de três símbolos sobrepostos: uma lua escondida atrás de um sol com um ponto no centro, estando ele mesmo acima de uma cruz. A lua, como uma taça aberta apontando para cima, indica o princípio aberto receptivo. É o chamado mercúrio na alquimia. É geralmente líquido, ou volátil. O sol, um círculo com um ponto central, é o princípio da concentração, o “ponto focal”. É o enxofre na alquimia. Ele está ligado a calor e fogo, a solidez e perseverança. A cruz é o sal. É o que forma e cristaliza sob a influência e cooperação do mercúrio e do enxofre. Assim, mercúrio, enxofre e sal juntos formam uma trindade que chamamos de mercúrio. Com a *prima materia*, essa é a base para a “pedra filosofal”.

Vemos aqui retratada a *Monas Hieroglyphica*, de John Dee. Para ele, esse símbolo era a síntese do trabalho alquímico e muito mais. Vemos aqui também o símbolo do planeta Mercúrio, tendo abaixo o símbolo de áries, um signo do fogo. A lua, o sol e a cruz formam o vaso hermético no qual o trabalho de transmutação irá se realizar sobre o fogo e em seu interior.

Prima materia

É difícil explicar o que é a *prima materia*. Ela é descrita como algo de pouco valor, algo muito simples que encontramos na poeira da estrada. E, no entanto, é a coisa mais preciosa que existe. No início é um caos. Devemos descer às profundezas das entranhas da terra para encontrá-la. É algo que passa despercebido ao olhar, que está profundamente oculto no interior do caos de nosso coração e que o poeta assim exprimiu: “Sou um grão de areia à margem da eternidade”. A consciência se encon-

tra na fronteira da sensibilidade e do ser, lá onde a “vida” se ajusta à “matéria”. Lá onde a consciência e o ser – portanto o lado espiritual ou interior da vida – se tornam matéria, ou o “lado de fora”. É um nível profundo, instintivo, descrito como a primeira impressão que o mundo provoca em nós quando vemos a luz. Esse nível profundo, instintivo, é como um mar no qual nossa consciência comum mergulha após ter tido o derradeiro vislumbre de estar plenamente consciente.

Essa praia, ou essa margem eterna com essa consciência grão de areia, encontra-se na parte inferior do abdômen, como uma centelha de vida de profunda vitalidade, indelével. É o ponto culminante do metabolismo, onde a matéria é transformada em vida no organismo. Como experiência, é uma forma de intensidade, de sensibilidade, de vitalidade, e agitação. Para a consciência, é a perplexidade. É o ponto mais profundo de nossa encarnação em um corpo.

O mar e o corpo. Há dois peixes: o Espírito e a Alma

1

Os sábios dizem que no início há dois peixes em nosso mar, inteiramente desprovidos de carne e ossos. Devemos cozinhá-los em sua própria água. Deles será feito um mar sem limites, que ser humano algum será capaz de descrever.

Assim dizem os filósofos:
Os dois peixes são apenas um, é verdade,
eles são dois, porém uma coisa só,
Corpo, Espírito e Alma.
Agora eu vos digo com certeza:
cozinhei os três juntos
para que o mar seja bem grande.
Mais tarde isso vos será evidente,
quando tiverdes crescido o suficiente.

Cozinhei bem o enxofre com o enxofre,
E sobre esse ponto falai pouco.

Calai-vos e guardai essas coisas
para vosso bem-estar:
assim, estareis livres de toda a pobreza.
Vigiai bem vossas palavras,
para que vosso trabalho seja visível para todos.



Lambsprinck o chama de “um mar com dois peixes”. Os peixes são os dois centros de consciência no oceano do inconsciente, espírito e alma em estado elementar. No momento em que nascemos, tudo já existe: o mundo, o cosmo. Percebemos isso completamente e sem nenhuma restrição. Todas as influências, de perto ou de longe, alcançam nossa consciência completamente aberta. Mas não conseguimos guardá-las, pois ainda não contamos com nada que possa

contê-las. Somente o sistema nervoso simpático completamente desenvolvido, que regula as funções básicas de nosso corpo, pode reagir. Essa condição muda rapidamente a partir da alimentação e da educação. Assim, serão criados elementos de contenção para guardar tudo o que percebemos. Com essas limitações, somos capazes de conter e ordenar primeiramente e acima de tudo as impressões do ambiente que nos rodeia. Mas a primeira impressão perde-se

completamente, seja pela educação seja, gradualmente, pela frustração. A vida nos decepciona. Nossa confiança é traída; nosso amor é ferido; nossa segurança natural é despedaçada. Nossa habilidade de capturar as “primeiras impressões” é encapsulada. Essas impressões são devoradas por um sapo ou um dragão de estresse latente que

se forma em nós e se aninha em nosso corpo e em nossas entranhas. O que era uma fonte de inspiração e criatividade tornou-se intimidação que entrava nossa iniciativa própria e nos escraviza às influências exteriores. Há, por assim dizer, estigmas em nossos centros de sensibilidade, selos praticamente impossíveis de serem rompidos. Há também uma fonte de criatividade que continua a operar: nossa criatividade continua a se manifestar nos órgãos sexuais; nossa procriação física é assegurada.

Esse primeiro momento, essa primeira impressão, é a de “estarmos presentes”, de “sermos completos” como mônada, como espelho do Universo. É uma experiência de um nível extremamente profundo. É por essa razão que a transformação espiritual deve começar com essa experiência primária vital. Ela está ancorada em nós como uma primeira impressão, selada e bloqueada por educação,

condicionamento e experiências traumatizantes. Os selos do mundo que nos rodeia são simbolizados nos planetas e nos diferentes metais. Eles são afixados em nós para sermos impressionados por certos poderes e certas forças, a fim de que percamos nossa iniciativa própria e já não sejamos capazes de formar nossas primeiras impressões. Esses são os obstáculos que nos impedem de ver diretamente a luz da fonte; permanecemos sempre em sua sombra. Nossa “fonte de vida” está bloqueada atrás desses selos e a “água da vida” é conduzida por canais de restrições e operada por poderes que escravizam nossa vitalidade em proveito próprio. Para liberar a fonte, devemos romper os selos. Mas isso é algo quase impossível! É necessário que existam circunstâncias muito especiais para que isso seja feito. Devemos compreender a natureza de cada selo e não sermos impressionados por ele. Somente então é liberada a energia da

prima matéria, que pode levar a uma “compreensão total”. Libertar-se dessa forma é sempre subversivo, porque vai de encontro à predominante “lei do mundo” e ao andamento comum dos acontecimentos, que nos mantêm prisioneiros. É necessário ir a fundo, senão talvez nos libertemos de certos selos, mas permaneçamos prisioneiros de outros, que continuam a nos explorar.

A “primeira impressão do nascimento” é uma metáfora que todos podem compreender. Na verdade, as condições desse momento encontram-se sempre presentes no aqui e no agora. É possível ser iluminado aqui e agora. O agora é aqui. Neste momento! Neste lugar! Na terra e na minha vida. A eternidade é o “agora” do cosmo. Esses dois coincidem: são uma unidade, uma só identidade. Entre o agora e a eternidade há um eu, com seus obstáculos que podem se transformar em oportunidades, capacidades, qualidades de percepção e de abertura e de inteligência. Aqui se manifesta a formação e o desenvolvimento de vários corpos sutis. Certo tipo de trabalho interior é necessário. Aqui começa o trabalho alquímico. Conforme o trabalho prossegue, surgem novas oportunidades de sentir, perceber e compreender. Uma linguagem é formada para que seja possível registrar e interpretar tudo isso.

O objetivo de uma Escola de Mistérios deveria ser criar circunstâncias nas quais as pessoas pudessem se encontrar e depositar as intimidações que lhes são impostas pelo mundo, a fim de poderem ser elas mesmas, e não sua profissão, sua função, sua carência ou sua classe social ou qualquer outra coisa.

Então os doze tipos de personalidades do zodíaco astrológico poderiam se exprimir em toda liberdade e se inter-relacionar como Homens. Esse seria um princípio de verdadeira franc-maçonaria. Quem vem à Escola Espiritual depõe sua personalidade mundana. Não a impõe aos outros nem se deixa impressionar por ela. Alguma coisa deve poder se desenvolver em toda liberdade que existe dentro do grupo, mas também transcendê-lo. Sem o desejo de se impor, a inteligência e a competência de cada um vêm à luz por si mesmas: elas formam a base das possibilidades de um grupo.

Quando os “doze signos astrológicos” se reúnem e já não são impedidos pelas intimidações das diferentes esferas planetárias, uma irradiação pode se produzir através de seu círculo. Uma atmosfera mais pura nasce, na qual essa nova irradiação se torna tangível. Esta é ao mesmo tempo nova e familiar, pois está sempre presente. Entretanto, ela é continuamente misturada às impurezas da vida comum, que macula a energia sutil com a fantasia e a “dispersão”. Em sua forma mais pura, essa energia faz ver as essências dos signos do zodíaco, e com isso o caráter e o significado do círculo. Os participantes podem interpretar o que receberam em função de sua essência. Eles são os espelhos uns dos outros e se completam mutuamente. Juntos, eles formam uma imagem mais perfeita dos mundos mais elevados. Então, quando o círculo é suficientemente estável, outra atividade tem início. Outro plano se desvela, outra direção, outra evolução é possível.

O sábio diz então que há um animal selvagem na floresta, completamente cercado por uma cor negra. Se alguém lhe corta a cabeça, então ele solta todo o negro e aceita a cor branca mais brilhante.

Você quer compreender isso verdadeiramente.

O negro é chamado a cabeça do corvo.
Quando esta desaparecer, a cor branca depressa aparecerá.

É precisamente algo que não tem cabeça.
Quando a nuvem negra tiver desaparecido,
creiam-me, os filósofos se alegrarão com esse presente em sua alma.

Eles o ocultam com o maior cuidado, para que nenhum tolo o saiba. A seus filhos, no entanto, por grandeza de alma, eles revelaram algo desses escritos, o que para eles é certamente um dom de Deus.

Assim agindo, eles obtêm esse dom e, portanto, ninguém pode compreender algo se Deus quer que esteja oculto.



Quando a prima materia é desnudada e tocada, surge o dragão que a vigia. É o estado de putrefactio ou putrefação. Devemos cortar a cabeça do dragão enquanto ele dorme, mas ele deve estar suficientemente acordado, porque a pedra só é nobre se um pouco da alma do dragão permanece nela, e isso “é o ódio do monstro que sente que está morrendo”. Nesse momento, uma quantidade incrível e impressionante de estresse e de tensão ligados à história

de uma vida inteira de repulsão e repressão emerge e invade a consciência do adepto. A fase negra é adentrada com vigor. O sapo que devora nossas “primeiras impressões” antes mesmo que estejamos conscientes cospe agora os quatro elementos com os quais o alquimista pode trabalhar. Uma multidão de imagens, lembranças, relações, ideias, aglomeram-se em nossa consciência. Mercúrio ainda está muito caótico e instável e deve ser domado e organizado.

Já não estamos no mar, no elemento água. O corpo é agora uma floresta sobre a terra; este é o elemento terra. O cervo, consagrado à deusa Diana, a lua, é a alma, o Mercúrio volátil, a tomada de consciência, de lembranças etc.

No Corpo – a floresta – encontram-se a Alma (o cervo) e o Espírito (o unicórnio)

3

Os sábios são enfáticos ao afirmar que há dois animais escondidos na floresta; um é digno de um hino, belo e ágil: um cervo grande e forte... o outro dizem ser um unicórnio. Os dois estão completamente escondidos na floresta.

Mas feliz será chamado o homem que os capturar com uma rede.

Os mestres nos dizem claramente que esses dois animais vagueiam aqui e ali na floresta. (Compreenda, no entanto, que a floresta é uma coisa só.) Quando investigamos profundamente esse tema, a floresta recebe o nome de corpo.

Descobrimos também com alguma certeza e verdade, que o unicórnio é o espírito. O cervo não deseja outro nome senão alma, o qual não lhe será tirado por ninguém. Então, convém que quem quer ser chamado mestre os leve juntos à floresta para que eles permaneçam unidos.

A ele será atribuído com justiça o velo de ouro, conseguido graças a todos os seus triunfos. E agora ele pode triunfar sobre o próprio grande Augustus.



Os chifres do cervo de galhada amplamente aberta simbolizam a abertura e a orientação da atenção para o exterior, e do tornar-se conscientes mentalmente. Se nada de sólido surge, todas as tomadas de consciência desaparecem como em um transe que nos oprime e depois é esquecido. É necessário um centro sólido de atenção, de concentração tenaz, em torno do qual a compreensão e a inteligência se organizem e possam se concentrar. Esse

princípio é simbolizado pelo unicórnio. Seu chifre é a concentração orientada para o ponto focal ao redor do qual o caos é organizado e serenado. O cervo é perseguido pelos caçadores e foge: é o princípio volátil, o mercúrio. A captura do unicórnio é feita por meio de uma virgem imaculada. Quando se dá conta da pureza da virgem, o unicórnio coloca seu chifre no seu colo e adormece. É assim que os caçadores o capturam. O unicórnio é centrípeto, é o enxofre, o

princípio sólido. O cervo e o unicórnio formam juntos a primeira fase, ainda volátil, do mercúrio: a vista, a visão.

O maior prodígio que há é fazer dos dois leões um só

4

Os sábios ensinam que de fato
dois leões podem vagar
— um, masculino; o outro, feminino —
no horrível Vale das Sombras.

Mostram que eles se escondem,
e que é uma arte capturá-los,
com sua aparência atroz e face feroz,
rápidos como são, indomáveis e sanguinários.

Quem, mediante sua sabedoria e astúcia
puder atraí-los a uma armadilha,
conduzi-los e domá-los,
e puder fazê-los entrar na mesma floresta,
esse obterá, de pleno direito,
a coroa e a glória muito antes dos outros:
antes mesmo da glória arrebatada pelos sábios da
época.



O efeito de ser liberto da prima mate-
ria continua mais além na vida afetiva.
Vemos dois leões representados em uma
floresta. O leão macho é o leão verme-
lho, o mercúrio. O leão é o símbolo da
vigilância, como guardião do portal;
mas, como rei dos animais ele é também
a honestidade, que tudo vê. Nesse nível,
a vida dos sentimentos é despojada de
todas as falsas emoções que herdou das
influências do mundo circundante. Toda
a vida de sentimentos, com todas as suas

emoções, é dissolvida, como se estivesse
morta. O que é verdadeiro e faz parte de
nós vai se regenerar e germinar de novo.
A antiga vida de sentimentos, que era um
vaso cheio de emoções contraditórias,
torna-se então uma “alma”, um espaço
silencioso onde se pode verdadeiramen-
te “sentir”. As emoções nos encerram.
Abre-se então um sentido real, como
uma fonte de percepção de qualidades,
de conhecimento e de nuances delicadas.
A alma, então, é capaz de julgar com toda

objetividade as ideias e as re-
velações provenientes da fase
do cervo e do unicórnio.
A alma é também uma cons-
ciência.

Mortificação, salificação e embebição do corpo unido à alma e ao espírito

5

Alexandre escreve da Pérsia que um lobo e um cão são formados dessa argila. No entanto, os sábios nos explicam que os dois têm a mesma origem.

O lobo vem certamente do Leste e o cão tem sua origem no Oeste. Eles estão cheios de ódio, enraivecidos, furiosos e de fato fora de si mesmos.

Um priva o outro da vida, e deles emana um grande peixe.

Mas se eles retornam à vida, libertam então de si mesmos de fato o remédio supremo e o melhor contraveneno jamais visto na terra, que fortifica os sábios desse tempo, que trará louvor a Deus e o louvará.



Mortificação (matar), salificação (branqueamento) e embebição (penetração) do corpo unido à alma e ao espírito. Mas a ação da prima materia vai ainda mais fundo e mais longe. O cão e o lobo representam o nível do instinto e da vontade. Outrora, o cão foi um lobo. Mas, com o correr do tempo, ele foi domesticado e adaptou-se ao homem, ao mundo em que este vive e à sua cultura. Ele é o guardião dos bens de seu mestre. Ele é prezado por sua fidelidade, mas des-

prezado por seu servilismo. O lobo, ao contrário: é a natureza virgem instintiva do homem que não pertence a ninguém, que come tudo, até mesmo a terra, se tem fome.

O lobo e o cão por vezes estão violentamente em conflito um com o outro e por isso se batem até a morte. Por vezes o homem tem de fazer escolhas devastadoras, quando estas vão de encontro a valores e opiniões das pessoas à sua volta. Para escolher a favor de sua natureza original,

enorme coragem às vezes é necessária!

O lobo, que vem do leste, onde o sol se eleva, é o enxofre; o cão é o mercúrio, consagrado à lua. O lobo, segundo a tradição xamânica siberiana, é o guardião do gênero humano e foi voluntariamente domesticado para cumprir essa tarefa. As três cenas de animais na floresta

representam o elemento terra. A floresta é o corpo que contém em seu interior o espírito e a alma. Os animais formam, em conjunto, a purificação e a *prima materia* que age sobre três “centros”, três formas nas quais o mercúrio se manifesta: o pensamento (o cervo e o unicórnio), o sentimento (o leão vermelho e o verde), a vontade (o lobo e o cão). Juntos, esses três centros formam também um “mercúrio”. O mercúrio que recebe é o pensamento inteligente; o do meio, que organiza, é o enxofre da alma. A decisão é registrada no centro da vontade e do instinto, o sal. Os três centros formam, juntos, um mercúrio autônomo: um homem que construiu um espaço interior, que edificou um lugar de trabalho interior ou um templo em si mesmo – que pode funcionar de modo autônomo, desligado das influências do mundo ao redor. Nessa oficina de vida interior é possível romper os selos que foram aplicados na alma pelos arcontes.

Mercúrio, quimicamente sublimado 6



Um terrível dragão habita a floresta; tóxico no mais alto nível, ele nada tem.

Quando vê os raios do sol e do belo fogo, ele espalha seu veneno, e seu voo é tão extraordinário que nenhum outro animal permanece vivo diante dele, de modo que nem mesmo o próprio basilisco (o rei das serpentes) pode se igualar a ele.

Quem tiver aprendido a matá-lo com sabedoria escapará a todos os perigos.

Todos os seus vasos sanguíneos e suas cores são misturados em sua morte; de seu veneno surge um excelente remédio.

De repente, ele come seu veneno, pois devora sua própria cauda envenenada.

É por isso que dele escorre um bálsamo valioso. Todos os sábios finalmente aprovarão suas forças e, surpresos, se alegrarão.

Mercúrio quimicamente precipitado do modo justo ou sublimado

O ouroboros indica que um ciclo está terminado. Um processo que certamente deve ser repetido várias vezes, mas sempre de modo diferente. Trata-se de um ciclo que se desenrola entre o dragão que cospe fogo e o ouroboros. No gnosticismo, o ouroboros era a serpente do mundo, o “leviatã” que encerrava o mundo material, ou seja, as esferas dos sete planetas conhecidos de nosso sistema solar que, juntos, formam o mundo da matéria. Fora dele, encontra-se o círculo dos doze signos do zodíaco, no qual está localizado o paraíso terrestre do Gênesis, com a árvore da vida no centro.

Segundo certos mitos gnósticos, o homem foi moldado pelos arcontes dos sete planetas. Eles fabricaram um humano, um tipo de golem, com argila e pó. Esses regentes do mundo material de baixo não podiam, no entanto, criar Vida. Por isso, eles deviam seduzir estrategicamente o “verdadeiro criador”, o *Apatodaimon*, para que uma vida gloriosa descesse no golem fabricado por eles. Assim, o homem despertou para a vida, dominado, no entanto, pelas propriedades atribuídas pelos arcontes. A tarefa do adepto é aprender a distinguir em si mesmo a diferença entre a vida gloriosa verdadeira e as correntes materiais que o mantêm prisioneiro dos arcontes. Esses pensamentos provêm ainda do antigo Egito e dos rituais dos mortos, nos quais a alma do falecido deixava as esferas terrestres atravessando as esferas dos arcontes que guardavam as portas que levavam ao “céu”. A cada porta o candidato deveria prestar contas. Era preciso conhecer o nome do guardião da porta, saber o que ele representava e

E o homem prossegue ascendendo por meio da força que interliga as esferas; ao primeiro círculo cede a força para crescer e para diminuir; ao segundo círculo entrega a tendência para a malícia e a astúcia, que se tornou impotente; ao terceiro círculo abandona a ilusão dos desejos doravante impotentes; ao quarto círculo abandona a prepotência da obsessão pelo poder, que já não pode ser satisfeita; ao quinto círculo, a audácia ímpia e a temeridade brutal; ao sexto círculo abandona o apego à riqueza, doravante sem efeito; e ao sétimo círculo abandona a mentira sempre ardilosa.

E quando se livrou de tudo o que proveio da força que interliga as esferas, ingressa na oitava natureza de posse apenas de sua própria força e canta, com todos que lá estão, hinos de louvor ao Pai; e todos se regozijam com ele pela sua presença.

O evangelho de Tomé, de G. Quispel, p.182, Corpus Hermeticum 1, 63-4.

A viagem da alma após a morte, através das esferas dos planetas, tornou-se, na alquimia, uma viagem interior para uma alma durante esta vida, consistindo em libertar-se dos sete selos planetários.

O ouroboros representa, portanto, a fronteira entre o mundo da sujeição à matéria e o mundo do alto, o círculo do zodíaco e o lugar do Paraíso.

distanciar-se das propriedades negativas dessa esfera, portanto, quebrar o selo.

Fala-se de dois pássaros na floresta

7

Na floresta encontramos dois ninhos, onde Hermes tem seus filhos.

Um tenta continuamente voar,
o outro está satisfeito em ficar no ninho
e não o deixa.

O menor impede o maior de tal modo
que os dois são forçados a permanecer no ninho,
do mesmo modo que um homem é ligado
à sua esposa pelo casamento.

Por isso estamos ansiosos todos os momentos,
pois teremos parado a águia feminina.

Por isso oremos a Deus Pai
para que isso possa se realizar de modo feliz.



Na primeira representação do elemento ar há uma árvore com um ninho. É a árvore dos filósofos, a versão alquímica da árvore da vida no paraíso.

No ninho há dois pássaros: um pode voar e se eleva para buscar a inspiração nos mundos mais elevados. O outro pássaro permanece no ninho com as asas truncadas. Isso faz que o primeiro retorne novamente ao ninho. O pássaro que voa é Mercúrio, o que fica, o Enxofre. Juntos eles produzem o “ovo filosófico”, do qual nasce o *Filius Philosophorum*, o jovem Hermes, o novo homem interior.

O elemento ar abre uma esfera sutil na região mental, inteligente. Essa esfera deve ser aberta e explorada antes que se possa nela trabalhar. Para penetrar no interior dessa esfera, deve-se, por assim dizer, abandonar o próprio corpo, da mesma forma que deixamos os calçados na porta antes de entrarmos em um lugar sagrado.

Para o espírito purificado, assim como para a consciência límpida, o que acontece nesse lugar é muito palpável e de gran-

de intensidade. As coisas que podem ser chamadas “abstratas” no mundo comum, são aí muito palpáveis, diretas e vivenciadas. É uma esfera de inteligência sem palavras. Aí a “linguagem dos pássaros” é compreendida. O caracol debaixo da árvore simboliza novamente a relação: o nível material é como um caracol rastejando sobre a terra.

Há dois pássaros nobres e preciosos

Na Índia, encontramos uma floresta muito agradável na qual dois pássaros estão reunidos, um branco, outro vermelho.

Eles se matam reciprocamente... um consumindo o outro.

Os dois são, no entanto, transformados em pombas brancas.

Da nova pomba nasce uma Fênix, que repeliu o negro, o mau odor e a morte, a fim de poder, assim, tomar uma nova vida.

Nessa imagem vemos dois pássaros em luta: o pássaro vermelho coloca-se acima do branco. Aqui o trabalho sobre a pedra branca termina e tem início o grande trabalho da pedra vermelha. No texto, esses pássaros primeiro se transformam em duas pombas brancas e depois em Fênix. As duas pombas brancas simbolizam a pureza, a espiritualidade, a leveza e a candura. As pombas não têm vesícula biliar, portanto elas não têm melancolia (bile negra), que liga à terra. As pombas são, por excelência, habitantes simbólicos do elemento ar.

A Fênix forma a conexão e a transição entre o ar e o fogo. De acordo com Lactâncio, a Fênix habita um domínio sem doenças nem morte ou outra fraqueza. Nesse lugar, tudo é sempre verde e a fonte da vida corre abundantemente.

A Fênix, na árvore mais alta, canta doze vezes por dia melodias harmoniosas,



louvando o esplendor do Criador e do Sol. Após um período de mil anos, a Fênix sente que chegou seu tempo de morrer para se renovar. Ela deixa o Paraíso e voa para a terra, para um lugar cujo nome se refere a ela: a Fenícia, situada na atual Síria. Lá ela faz seu ninho na palmeira mais alta utilizando unicamente ervas aromáticas, depois se deita no ninho para ali morrer. Esse processo é de tal intensidade que ela se inflama numa combustão espontânea e se consome in-

teiramente. Nada resta senão um tipo de vidro branco, uma lagarta que, depois de três dias, se transforma em uma nova Fênix. Então ela volta para o Paraíso por mais mil anos. A Fênix se move no elemento ar, mas desenvolve a intensidade do elemento seguinte: o fogo.

O senhor das florestas tomou posse de seu reino

9

Presta ouvido agora para um ato admirável,
pois quero te ensinar grandes coisas!
Como o rei se eleva acima de seu povo;
Escuta, portanto, o que o nobre senhor das
florestas diz:
“Venci meus inimigos,
apedrejei o dragão envenenado,
sou um grande rei glorioso sobre a terra.

Ninguém é maior que eu,
dentre todos os viventes,
filho de um artista ou mesmo da natureza,
posso tudo que o homem pode desejar;
eu doo poder e saúde duráveis,
ouro também, prata e joias,
e a panaceia para os males grandes e pequenos.
Primeiro fui de nascimento humilde,
até que fosse colocado num lugar elevado.
Alcançar esse cume elevado
me foi dado por Deus e pela natureza.
Assim fui colocado do mais baixo ao mais alto
sobre este glorioso trono.
E graças à minha soberania real
me chamam de Hermes, o Senhor das Florestas.



O cumprimento dessa parte do trabalho é simbolizado pelo Rei, o “Senhor das Florestas”, que tomou posse de seu trono. Seus pés repousam no dragão; um peixe lhe serve de apoio para o braço; a escada que leva a seu trono de forma cúbica compreende sete degraus, que representam os metais. O processo passou do estado negro para o estado branco, passando pelas sete cores da cauda do Pavão: a Cauda Pavonis. Esses estados estão concluídos. A “Pequena

Obra” está terminada, a pedra cúbica branca está formada. O rei é a figura central do esquema. No mesmo nível estão as duas imagens com os pássaros que representam o elemento ar. O que se segue é a “Grande Obra” sobre a “Pedra Vermelha”. A pequena obra é o trabalho de um indivíduo sobre si mesmo, o microcosmo. A Grande Obra sobre a Pedra Vermelha é o trabalho dentro de um contexto maior com o

macrocosmo, ou com os cosmos mais elevados. Elevar-se do elemento terra conduz ao elemento ar, o que é representado nas figuras seguintes pelos seres alados (11 e 12).



Todas as histórias nos contam que a salamandra nasceu do fogo, no qual ela encontra seu alimento e vive; isso lhe é dado pela natureza.

Ela habita, no entanto, numa montanha profunda, onde queimam numerosos fogos nos quais a salamandra se lava.

O primeiro fogo é menor que o segundo, o terceiro é o maior, o quarto o mais forte.

A salamandra percorre todos, purificando-se neles. Por isso ela se apressa em correr para seu buraco.

Durante essa viagem ela é capturada e espancada, para que morra e a vida se escoe com seu sangue. Ora, isso leva a algo de bom para ela, em todo o caso: ela recebe com seu sangue a vida eterna e não pode morrer morte alguma.

Seu sangue é o remédio mais precioso que há na terra.

Nada pode se igualar a ele, pois seu sangue elimina toda doença de todos os metais e de todos os corpos de animais e de pessoas.

Os sábios consultaram sua ciência e por isso receberam um presente celeste chamado a Pedra dos Sábios, à qual todas as forças do mundo inteiro estão submetidas.

Os sábios nos dão isso por pura generosidade, a fim de que sempre nos lembremos deles.

A intensidade do fogo age sobre cada fibra, cada átomo, cada nível do corpo. O corpo é “renovado”, recriado

A intensidade impetuosa do fogo e sua força penetram tudo em todos os níveis e através de todos os veículos. Nós o vemos aqui representado pela seguinte cena: um alquimista assa uma salamandra em fogo aberto. No texto está escrito que a salamandra passa por diferentes fogos de caráter e intensidade diferentes. Quando chega ao ponto mais elevado, ela é morta. Na alquimia, esse é o símbolo da fixação ou da precipitação de Mercúrio no mercúrio (prata-viva). A intensidade do fogo age em todos os níveis do corpo, em cada fibra, cada átomo. O corpo é “renovado”, recriado, ou como é dito na Rosa-Cruz: transfigurado. Podemos comparar esse processo a uma única coisa, que no Oriente é chamado de *kundalini*: a elevação da energia do chacra básico abaixo da coluna vertebral, sob a forma de duas serpentes que zi-

guezagueiam para o alto e se cruzam em cada um dos grandes centros psíquicos do sistema simpático, para terminar no centro acima da cabeça.

Daí em diante, apenas algumas silhuetas humanas aparecem ainda nas imagens, mas não mais animais. Um jovem rei, o *Filius Philosophorum*, é ladeado pelo velho Rei da Floresta e por um *Mercurius Senex* alado. O antigo Mercúrio quer elevar o jovem Hermes à “mais alta montanha” para uma última iniciação. O velho Rei, que ama seu filho “de todo coração”, quer impedi-lo de ir até lá. Ele diz: “Sem você eu morro”. O Filho se liberta do Pai, o “Senhor das Florestas”, que desempenha então um papel passivo, e escolhe, para isso, seguir o guia.

O Pai e o Filho são reunidos graças ao guia

11

O Pai, um velho, originário de Israel, tem um filho único que ama de todo coração.

A ele é imposto sofrimento sobre sofrimento pois o guia vai querer conduzir o filho único a todos os lugares.

O guia se dirigiu ao filho com estas palavras: “Vim aqui para conduzir-te a todos os lugares, ao cume mais alto da montanha mais alta, a fim de que aprendas todas as ciências do mundo; a fim de que descubras a grandeza do mundo e do mar; e a fim de que experimentes uma grande alegria. Porque vou levar-te ao ponto mais alto, e até às portas dos céus mais elevados”.

O filho obedeceu o guia, e subiu com ele.

Ele contemplou o trono celeste, que era de magnificência incomensurável. Depois que tinha visto todas as coisas, ele se lembrou de seu Pai e suspirou.

Ele sentiu compaixão por seu Pai por causa de sua grande angústia.

Foi por isso que decidiu voltar para o seu interior. Os sábios nos dão isso por pura generosidade, a fim de que sempre nos lembremos deles.



Na força do elemento fogo nasce um novo “homem interior”, um “filho dos filósofos” e outro fogo, um guia espiritual, torna-se visível. Este conduz o “filho dos filósofos” a uma iniciação na deradeira *conjunctio oppositorum*, a visão mais elevada.

O Filho (espírito, enxofre) decide deixar seu Pai (corpo, sal) e seguir com o guia (alma, mercúrio), que o leva a uma alta montanha e faz que ele veja as maiores maravilhas.

Outra montanha originária da Índia aparece no vaso

12

Aqui o filho diz ao guia:

“Deixa-me retornar a meu Pai.
porque ele não pode ser ou viver sem mim.
Ele suplica e me chama sem cessar”.

O guia dirige-se ao filho nestes termos:

“Não te deixo retornar sozinho.
Eu te tirei do seio de teu Pai;
Eu vou te levar de volta;
para que ele se alegre ainda e viva,
a ele vamos dar essas forças”.

Sem demora, então, eles se levantaram
e retornaram à casa do Pai.

Quando o Pai viu seu filho se aproximar,
ele gritou com voz forte e disse: (p62)

Essa situação pode ser comparada com o início de Pimandro, o primeiro livro do Corpus Hermeticum, uma compilação de textos escritos em grego e atribuídos a Hermes Trimegisto. Citação:

“Um dia, refletindo sobre as coisas essenciais e tendo o meu ânimo se elevado, aconteceu que os meus sentidos corporais adormeceram completamente, tal como ocorre com alguém que se vê vencido por profundo sono após lauta refeição ou por motivo de grande cansaço físico. E me pareceu como se visse um ser impressionante, de contornos indeterminados, que, chamando-me pelo nome, me disse: ‘O que queres ouvir e ver, e o que queres aprender e conhecer em teu Noûs?’ Perguntei: ‘Quem és?’ E recebi como resposta: ‘Sou Pimandro, o Noûs, o ser



que é de si mesmo. Sei o que desejas e estou contigo por toda parte’. E eu disse: ‘Desejo ser instruído a respeito das coisas essenciais, compreender sua natureza e conhecer Deus. Oh, quanto eu desejo entender!’ E ele respondeu: ‘Fixa em tua consciência o que queres aprender e eu te instruirei’. Com essas palavras, o seu aspecto mudou e logo a seguir tudo se tornou imediatamente claro para mim; tive uma visão prodigiosa...”.

A citação é muito significativa. O rei pai é o corpo adormecido, tornado passivo. O filho é Hermes, o pensar concentrado que contempla, a consciência que medita sobre um tema, um “pensamento-germe”. E o guia é Pimandro, simultaneamente um tipo de vigia da consciência humana (o guardião) e o saber autêntico, a fonte do

O Pai engole o filho

conhecimento verdadeiro presente em cada ser humano e que revela as visões finais à consciência que o pede.

O que significa essa visão? Em Pimandro, trata-se da criação dos mundos da luz e das trevas. No tratado de Lambsprinck, trata-se de uma última *conjunctio oppositorum*, pois, do topo de sua montanha, o filho e o guia veem tanto o Sol quanto a Lua, a luz do dia e também a escuridão da noite.

Ao filho é revelado e tornado compreensível tanto a coesão cósmica como o fato de que tudo depende de tudo; também lhe é mostrado o lugar que ele mesmo ocupa no interior do cosmo, sendo tudo isso compreendido muito claramente. Podemos ler nos textos herméticos o que vem a ser a visão de Pimandro. Essas palavras são irrelevantes para nós. O que importa é o estado em que o jovem Hermes se encontra; a possibilidade que ele tem de abrir seu espírito e de receber uma perspectiva ou uma visão final. A que se refere essa visão? Indubitavelmente ao microcosmo e à sua ligação com o macrocosmo:

“O que está em cima é como o que está embaixo, a fim de que as maravilhas do Uno se realizem”.

O Agora é a Eternidade. A intensidade do Agora é atualmente tão grande que se estende até e se converte em Eternidade. Toda inspiração provém desse momento derradeiro de iluminação. Com essa inspiração pode-se preencher milhares de bibliotecas. Mas o verdadeiro valor disso é apenas para quem vive realmente o momento derradeiro.



“Oh, filho, durante tua ausência estive como morto, e corria grande perigo de morte. Agora que aqui estás, revivo, porque é o teu retorno que me traz alegria”.

Quando o filho verdadeiramente adentrou a casa do pai, este tomou-lhe as mãos, e com excessiva alegria o engoliu pela própria boca.

Depois disso, o Pai transpirou abundantemente.

A verdadeira tintura dos sábios

14

O Pai chama o filho de volta para si. A intensidade do momento derradeiro não pode durar muito tempo, do contrário o corpo físico morreria. O corpo chama de volta seus “espíritos vitais”. O pai engole o filho completamente. Vemos aqui um tema recorrente: o rebelde, que agiu ilegitimamente, está de volta ao “ventre da velha ordem”, engolido e renascido em uma figura que forma uma síntese frutífera e aceitável. Poderíamos também interpretar o velho rei como a velha tradição que existiu e se tornou estéril. O filho do rei solta-se de seu abraço e parte para outras experiências. Assim fazendo, ele transgride rígidos tabus.

A seguir, o “filho perdido” retorna novamente “ao ventre” de seu pai. Ele retorna à velha tradição, renovando-a; porém agora a partir do interior, de modo que ela seja outra vez frutífera e possa continuar. Assim se obtém uma síntese. Afinal, para continuar uma tradição deve-se, de modo muito paradoxal, injetá-la e vivificá-la sem cessar, a partir de uma visão realmente nova. Isso porque toda a matéria básica necessária para poder trabalhar encontra-se contida no seio da tradição!



*Aqui o Pai sua por causa do Filho.
Ao mesmo tempo, ele pede a Deus, do mais profundo
de seu coração,
que reconduza seu Filho para fora de seu corpo
e lhe dê a vida de outrora.*

*Deus ouve suas preces
e ordena ao Pai que se deite e durma.
Durante o sono do Pai, Deus faz cair do céu
uma chuva que se derrama sobre a terra através das
estrelas cintilantes.*

*Essa chuva era frutífera e
cor de prata.
Ela embebeu o corpo do Pai e
o tornou macio.*

*Sustenta-nos, ó Deus,
a fim de que sejamos penetrados por
tua graça.*

Aqui o Pai e o Filho são Um pela eternidade

15

Aqui o Pai dormita,
inteiramente tornado água clara,
e pela força dessa água,
um grande bem foi conquistado;
ao mesmo tempo um novo Pai é criado,
forte e belo,
que cria, assim, um Filho novo.

O Filho permanece para sempre no Pai,
e o Pai no Filho.
Assim eles produzem muito frutos
em coisas diferentes,
as quais não perecem jamais.
Nenhuma morte poderá fazê-los morrer,
eles permanecerão sempre pela graça de Deus,
e triunfarão juntos num reino
extraordinário.

O Pai e o Filho estão assentados em Um único
trono;
no meio está assentado o velho mestre,
vestido com um manto cor de sangue.



Inútil dizer que a Grande Obra só pode
acontecer quando a Pequena Obra for
antes conduzida a bom fim.
A Pequena Obra é o trabalho de um
indivíduo sobre si mesmo. A Grande Obra
é o trabalho em escala maior, que ultrapassa
as coisas e os interesses limitados de um
indivíduo. O indivíduo está ligado a uma
“rede de inspiração” mais ampla, que
poderíamos chamar de *genialidade*.

A prima materia sobre a qual temos falado
diz respeito ao conhecimento autêntico,
ao Noûs em nós. Estar focado na
“inspiração” é um processo que pode
ser aprendido. No entanto, não podemos
aprendê-lo em parte alguma. Mediante
o desenvolvimento de uma “obra” ou
de um trabalho de vida, o “artista da
vida” deve ele mesmo abrir os justos
canais e não se deixar levar pela sedução

da glória, pois quem mede
sua grandeza com as musas
é transformado em corvo
grasador. ★

Qual é, então, o resultado da “Grande Obra”?

Encontramos a *prima materia* (figuras 1 e 2) em nossas mais profundas camadas instintivas, lá onde a vida se “funde” organicamente com o mundo circundante. É uma corrente intensa de vitalidade que, pelas transformações particulares que o alquimista executa, se converteu em “mercúrio”, uma consciência clara que, como uma “irradiação” plena de inspiração, lhe dá uma visão da matéria da qual ele e o mundo são compostos. Esse princípio de abertura de um centro de “ser consciente” e de “consciência clara” é repetido muitas vezes. Mercúrio é sublimado na região mental (figura 3) se precipita, purificado, e abre a vida afetiva (figura 4) e os instintos (figura 5). Com isso, uma parte do trabalho está terminada (figura 6). A natureza mais baixa do adepto é purificada e, ao mesmo tempo, ele recebe a compreensão e a domina. O alquimista necessita desse domínio sobre sua vontade, seu sentimento e seu entendimento para dar o passo seguinte: o desenvolvimento de uma sensibilidade e de um poder de orientação no domínio intuitivo mais puro, o domínio do ar. Aqui também Mercúrio se estende até tornar-se um mar de consciência (figuras 7 e 8). Quando o filósofo hermético domina também esse poder, o título de “Rei da Floresta” lhe é outorgado por Hermes (figura 9). Então ele recebe o perfeito domínio sobre si mesmo e sobre os elementos água, terra e ar. É o fim

da primeira parte: a “Pequena Obra” está terminada, a “Pedra Branca” está preparada.

A “Grande Obra” ocorre no domínio do fogo (figura 10). O fogo destrói a matéria e, para adquirir o domínio do fogo, o corpo – a parte material – precisa se tornar passivo, estar “aparentemente morto”. Na força do elemento fogo nasce um novo “homem interior”, um “Filho dos Filósofos” e outro ser de fogo, um guia espiritual se torna visível (figura 11). Este conduz o “Filho dos Filósofos” a uma iniciação na derradeira *conjunctio oppositorum*, a visão mais elevada (figura 12). Assim, o Filho comunica novamente suas experiências à “parte de baixo”, o corpo (figura 13), que dessa forma se torna perfeitamente purificado e transformado (figura 14).

Finalmente, o Pai, o Filho e o Guia, portanto o corpo, a alma e o espírito, estão assentados sobre o trono juntos, como parceiros de igual valor (figura 15) e governam seu “reino”, formando juntos o símbolo de Mercúrio: a “Pedra Vermelha” está preparada. ✪

NOTA:

Leitura recomendada: *O Tratado da Pedra Filosofal de Lambsprinck* – análise de Patrick Paul.



A Cruz de Tau

O T ou Tau é formado a partir do algarismo 7 (vemos aqui um T ou um 7 reto), o algarismo que se refere à vida divina, à vida pelo espírito sétuplo e a Γ (letra grega *gamma*), que é o símbolo da Terra (Gaia). O símbolo Tau une em si a vida divina e a vida terrena.

Se retiramos a parte superior do símbolo da cruz egípcia Ankh, resta a cruz em forma de Tau. O Tau pode ser interpretado como a primeira letra do Tufão já controlado e superado (filho de Gaia e Tártaro, gigante da mitologia grega, pai dos ventos ferozes e violentos): ou seja, a libertação do mal, de “Satanás”.

A Cruz de Tau também era popular entre os druidas. O Tau era considerado por eles o símbolo druida de Júpiter. Frequentemente suas cruzes em Tau eram um imponente carvalho no qual todos os galhos haviam sido retirados, com a exceção dos dois maiores. Eles eram podados de forma que os galhos situados na parte superior do tronco parecessem dois braços horizontais. Ainda podemos ler que o Tau foi utilizado em áreas druidas para delimitar a fronteira entre duas unidades de governos religiosos diferentes.

Existe ainda outra explicação sobre a Cruz de Tau, que consiste em considerá-la como uma etapa no desenvolvimento da humanidade. A primeira fase ainda não conhecia a cruz, mas sim um tronco ou um símbolo fálico. Ela se refere ao desenvolvimento da consciência pélvica – a fertilidade em estado bruto – no qual a consciência humana ainda se encontraria na fase dos sonhos.

Depois dessa fase, o tronco se transforma em um T, uma Cruz de Tau, para significar que as emoções foram despertadas. Mas ainda se trata do desejo ilimitado e da busca desse desejo, pois não há nenhum direcionamento. O ser humano ainda não conseguia controlar seus desejos. Quem olha a Cruz de Tau pode imaginar que está diante de um homem sem cabeça. Sua interseção é o coração, a sede do sentimento. A cruz que conhecemos possui uma “cabeça”. Ela representa o desenvolvimento da consciência da cabeça, o indivíduo, no qual as escolhas podem ser feitas. A cabeça pode controlar o desejo ou dirigi-lo. A etapa seguinte é a da “Cruz com Rosas”, na qual a influência da “rosa” ou do “lótus” está enraizada no coração humano.



Ser um peregrino

Primero era o trabalho para se estabelecer bem na vida. Infelizmente o trabalho sonhado, o par perfeito e a boa vida foram superados pelo demônio da realidade. Então ficou para amanhã. Mas o amanhã nunca chegou porque o hoje estava no caminho.

Foi preciso tomar outro rumo: um caminho aqui, outro ali, e finalmente, você encontrou seu próprio caminho e o trecho que vai da vida exterior para a interior.

Seu ego já dizia, ao longo dos anos: quando tudo se dissolver, aí estará a paz. A alma sabe: é somente quando a paz chega ao seu ser que tudo se dissolve! Tanto literalmente quanto no sentido figurado... é isso mesmo que você deseja? Você tem coragem? E confiança?

Tudo que está à sua volta repete o conselho: “Mantenha os dois pés no chão!”. Só que esse não é um bom método para seguir em frente!

Todos os dias recebemos do Banco da Vida 86.400 unidades de tempo para usar. E o que não utilizamos nos é retirado à noite: tempo é uma coisa que não conseguimos poupar. Além disso, há uma pegadinha: nossa conta no Banco da Vida pode ser fechada a qualquer momento! Então, o que sobra da história inacabada do “Livro da

Milagre: o peregrino que chega já não é o buscador que partiu

minha Vida”? Se eu não partir em viagem ela vai ficar no primeiro capítulo – e isso fui sabendo aos poucos.

Ora... Se o amanhã nunca chega é melhor ir embora agora mesmo, seguindo a Senda do Peregrino. Com o chapéu da coragem, a mochila cheia de perseverança e a capa de peregrino tecida com os fios da aspiração. “Na verdade, já nem eu mesmo sei quem sou nem para onde devo ir.”¹

Ser um peregrino como esse significa “perder-se na direção certa” – viver na certeza da incerteza conscientemente aceita. E esses não são os maiores impedimentos com os quais você se depara em seu labirinto interior. O maior obstáculo

é, acima de tudo, a pedrinha em seu sapato: seu ego! Você está em busca de um caminho – o caminho sobre o qual falam os grandes mestres. Porém só existe o seu caminho, aquele que você vai abrindo enquanto vai seguindo em frente. E aí você percebe que não se trata de imitar a vida desses mestres, mas sim de pesquisar o que eles encontraram em sua peregrinação.

Não existe caminho já aberto, mas, surpreendentemente, aqui e ali existem portais: o Portal do Desapego – porque algumas coisas são muito pesadas para levarmos conosco no caminho. O Portal do Autoconhecimento, pelo qual passamos com toda nossa imperfeição, como uma prova de que não temos medo da imperfeição. O Portal da Ligação, pelo qual percebemos tanto a dolorosa unidade com todo o gênero humano como a alegria da profunda ligação com o Todo! Sete portais – sete missões – sete colaborações – sete dádivas.

Sete espirais que se elevam nessa jornada de peregrino! Do buscador de si mesmo, do buscador para a Alma, da Alma para o Ser.

Milagre: o peregrino que chega já não é o buscador que partiu! O caminho vai se transformando com o caminhar, e o caminho transforma o peregrino. Cada passo em falso vai treinando seus músculos espirituais. Cada ponte sobre um desfiladeiro proporciona um panorama espetacular da Montanha da Realização.

Por fim, parece que até a própria peregrinação passa por uma transformação. Depois da fase de busca, de reconhecimento do caminho, de obtenção de conhecimento e da etapa da escolha, vem a fase de estarmos ansiosamente a caminho – isso nos dois sentidos da palavra. Cada passo é um “deixar para trás”, um largar. E cada largar é um receber. Perdemos nosso mundo e ganhamos o Universo! ✨

¹ Frase extraída do texto “Bescheidenheit” (Simplicidade), do poeta austríaco Vridanc ou Freidank, séculos 12-13. Curiosidade: esse pseudônimo significa “livre-pensador”



A revista **Pentagrama** é publicada quatro vezes por ano em alemão, inglês, espanhol, francês, húngaro, holandês, português, búlgaro, finlandês, grego, italiano, polonês, russo, eslovaco, sueco e tcheco

Edição
Rozekruis Pers

Redação Final
Peter Huijs

Redação
Kees Bode, Wendelijn van den Brul, Arwen Gerrits, Hugo van Hooreweeghe, Peter Huijs, Frans Spakman, Anneke Stokman-Griever, Lex van den Brul

Diagramação
Studio Ivar Hamelink

Secretaria
Kees Bode, Anneke Stokman - Griever

Redação
Pentagramm
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Niederlande
e-mail: pentagram@rozekruispers.com

Edição brasileira
Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Publicação digital
Acesso gratuito

Responsável pela Edição Brasileira
Adriana Ponte

Coordenação, tradução e revisão
Adriana Ponte, Rossana Cilento, Amana da Matta, Carlos Gomes, José de Jesus, Marcia Moraes, Mariana Limoeiro, Marlene Tuacek, Mercês Rocha, Ana Maria Pellegrino, Rafael Albert, Ellika Trindade, Fernando Leite, Lino Meyer, Marcílio Mendonça e Urs Schmid

Diagramação, capa e interior
Flávio Gomes Duarte

Lectorium Rosicrucianum
Sede no Brasil
Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo – SP
Tel. & fax: (11) 3208-8682
www.rosacruzaurea.org.br
info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal
Praça Anónio Sardinha, 3A (Penha de França)
1170-022 Lisboa
lisboa@rosacruzaurea.org
portugal@rosacruzaurea.org
© Stichting Rozekruis Pers

Proibida qualquer reprodução sem autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

VISÕES

- O verdadeiro rosa-cruz
- No caminho com Paulo
- O campo de respiração
- O caminho... para onde?
- Abraham Lambsprinck: *A pedra filosofal*
- O olho e a testemunha
- Nicolau de Cusa

ENSAIO

- O belo e o sublime

COLUNA

- Ser um peregrino

SÍMBOLO

- A Cruz de Tau

